



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO  
DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências - Bauru



**THAYNARA MATTIAZZO SIMONETTI**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL  
NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES**

A large, abstract geometric pattern in the bottom half of the page, consisting of overlapping light blue and white shapes that form a stylized, multi-faceted structure.

**Bauru  
2018**

**THAYNAARA MATTIAZZO SIMONETTI**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA  
PERSPECTIVA DE PROFESSORES**

**Orientadora: Professora Doutora Fernanda Rossi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru – para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

**Bauru  
2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família que, assim como em todos os outros momentos da minha vida, estiveram presentes durante minha graduação.

À minha mãe que sempre me encorajou, desde o dia que escolhi a área da Educação Física como futura profissão, assim como todo o percurso da graduação.

Ao meu pai que é um exemplo de professor e esteve disposto a me dar suporte em tudo que esteve em suas mãos.

Aos meu tios e tias, avós e avô, irmã, madrinha e padrinho e primas que estiveram dando conselhos e torcendo pelo meu sucesso.

À minha melhor amiga Laís, que se faz presente desde o ensino fundamental e a quem pude compartilhar todas as emoções e percepções dessa nova etapa da minha vida.

Ao Gabriel, que foi sem dúvidas, o melhor encontro da minha vida universitária. A ele agradeço toda paciência, carinho e amor que parecem ser sempre inesgotáveis.

Aos meus amigos, sejam eles da Unesp ou não, que alegraram meus dias, fazendo esses cinco anos de curso passarem voando. Por eles também sou grata por juntos, descobrirmos o universo da vida universitária para além dos cadernos e quadras.

Aos meus professores, os verdadeiramente comprometidos com a arte de ensinar, por aprofundar o meu conhecimento e me permitir vivenciar um ensino humanizado, crítico e de alta qualidade.

À minha orientadora, extremamente dedicada, comprometida com seu trabalho e paciente que levo como modelo de inspiração.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o conhecimento sobre o conceito de inteligência emocional e as potencialidades de inclusão do tema nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental (anos iniciais), na perspectiva de professores de escolas públicas e privadas de Bauru - SP. A investigação é de natureza qualitativa e baseia-se na análise de entrevistas semiestruturadas feitas com nove professores das redes pública (âmbito municipal e estadual) e privada. Com a análise das entrevistas e discussão do referencial teórico, constata-se que os professores não tiveram a presença da teoria da inteligência emocional em sua formação. Apesar disso, conseguem fazer relações entre a teoria e sua prática profissional, reconhecendo os benefícios de uma intervenção consciente para um desenvolvimento da inteligência emocional em seus alunos. Conclui-se, portanto, que para promover uma relação harmoniosa entre as interações humanas e poderem prosseguir com suas aulas, os professores fazem reflexões acerca dos ramos da inteligência emocional, mas sem que tenha um fim nela mesma. É preciso investir na formação continuada dos professores para que possam propiciar um desenvolvimento mais conciso da inteligência emocional em seus alunos.

**Palavras-chaves:** Inteligência Emocional, Educação Física, Ensino Fundamental (anos iniciais).

## **ABSTRACT**

This investigation aims to scrutinize the understanding about the concept of emotional intelligence among teachers from private and public schools of Bauru, São Paulo, as well as examine the feasibility of such in Physical Education classes of Elementary (Primary) Schools. The research is qualitative in nature and based on the analysis of nine semi-structured interviews of teachers from both private and public schools. Grounded by solid theoretical framework and after careful interview's analysis, one can conclude that teachers lack fundamental knowledge regarding emotional intelligence since their undergraduate studies. Nevertheless, they were successful developing links between the theory and their professional praxis, understanding the need of careful and constant intervention to develop this capability in their pupils. Accordingly, one can conclude that teachers promote feeble reflections about scattered topics of emotional intelligence, but without a mindful ending. They often do that aiming to promote more congenial relationships among students and, herewith, keep their planning fruitful. Teacher may be empowered so they that they can effective foster students' emotional intelligence.

**Keywords:** Emotional Intelligence, Physical Education, Elementary School.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	6
2 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES POSSÍVEIS .....	9
2.1 Educação de qualidade.....	9
2.2 Inteligência Emocional .....	12
2.3 Inteligência Emocional: inserção e resultados no contexto escolar .....	16
2.4 Educação Física e Inteligência Emocional.....	19
3 METODOLOGIA.....	25
4 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	46

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como temática investigar o conhecimento, a apropriação e a aplicação da inteligência emocional no planejamento escolar pelos professores atuantes no Ensino Fundamental (anos iniciais) de escolares públicas e privadas de Bauru - SP.

Entendemos que o ensino ideal preza pela formação integral do estudante, que busca oportunizar para todas as crianças e jovens aprendizagens para que possam aprimorar seus conhecimentos e terem a possibilidade de obter sucesso em quaisquer que sejam suas escolhas profissionais, acadêmicas e pessoais. Ainda, viabilizar que tenham conhecimento sobre seus direitos, deveres e que desenvolvam a consciência crítica.

As muitas habilidades que necessitam ser estimuladas para alcançar tais objetivos são pautas discutidas e avaliadas por inúmeros educadores e até mesmo pelo setor empregatício que busca um perfil diferenciado para integrar as suas equipes. Tais habilidades vão muito além dos objetivos específicos de cada disciplina escolar, elas abrangem os objetivos gerais e multidisciplinares que podem contemplar os diversos saberes das diferentes disciplinas básicas escolares. Por exemplo, no caso da matemática: não basta que aprendam as operações básicas, mas que também aprendam as resoluções de problemas, assim como o desenvolvimento da cidadania que pode estar presente nos objetivos gerais e multidisciplinares.

Por muitos anos, o sucesso de uma pessoa era avaliado pelo raciocínio lógico e habilidades matemáticas e espaciais, conhecido como o quociente de inteligência (QI), método popularizado no século XX, criado pelo Francês Alfred Binet (GARDNER, 1985). Posteriormente, outras teorias começaram a despontar a respeito de inteligências que vão além das habilidades matemáticas. Como foi o caso do psicólogo Daniel Goleman, PhD, com seu livro "Inteligência Emocional", publicado em 1995, que apresenta novas abordagens sobre o significado de inteligência e o que a mesma contempla. O autor traz a questão da inteligência emocional como maior responsável pelo sucesso ou insucesso das pessoas.

A arte de se comunicar, de conviver em harmonia em sociedade, a capacidade de resolver problemas de forma criativa e inovadora, automotivação e empatia, podem ser estimulados por meio da especificidade de cada conteúdo

ensinado nas escolas e tais habilidades e valores estão profundamente ligadas à inteligência emocional.

O conceito de inteligência emocional, criado pelo psicólogo Daniel Goleman, é a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos (GOLEMAN, 1995).

Diante desse contexto, compreende-se que estimular a inteligência emocional de forma transversal nas escolas significa contribuir para a formação integral do cidadão. Provocar situações que façam as crianças e os jovens aprenderem a gerir seus sentimentos seria uma forma de contribuir para uma melhor formação do indivíduo, tornando as pessoas seres humanizados que se preocupam com questões globais e que buscam melhorar as próprias atitudes e condições do próximo. Este seria um caminho para se distanciar do ensino robótico proposto em algumas escolas, que se preocupa apenas com a quantidade de alunos que passaram nos vestibulares e não com a formação que precisarão para enfrentar a vida, além da acadêmica.

Como ressalta Buzan (2005), a capacidade de relacionar bem é uma das inteligências mais importantes e benéficas para a vida do ser humano. Para o autor, o homem é considerado um animal social e a inteligência que propicia esse desenvolvimento é fundamental para construir relações positivas, que são necessárias ao longo da vida humana.

Segundo o Currículo do Estado de São Paulo, a Educação Física escolar também deve estimular a aprendizagem que vai além dos conhecimentos específicos da matéria. Os professores precisam valorizar o desenvolvimento de competências na fase em que estão dando aula e ir além dos aspectos curriculares. Precisam dar atenção para os recursos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos, que serão seu andaime emocional da vida adulta. (SÃO PAULO, 2008)

Diante de tais questionamentos, definimos como questões de pesquisa: os professores de Educação Física conhecem o conceito de Inteligência Emocional? Incluem o desenvolvimento da Inteligência Emocional como parte dos objetivos da aula? A área tem potencial para desenvolver a inteligência emocional dos alunos? Se sim, de que forma?

Partimos do pressuposto que por conta da sua alta interação entre pares, a Educação Física pode ser uma das matérias que mais proporciona possibilidades de trabalhar a Inteligência Emocional, embora o tema deva ser incluído, também, de forma transversal no currículo. Segundo Coll, Pozzo e Sarabia (1997), as pessoas que exercem um processo de influência social são consideradas pessoas significativas para os que são influenciados. Ele afirma que no contexto escolar os responsáveis diretos por tal processo são os professores, os colegas de sala e os demais alunos da escola. Ou seja, é na interação social, fortemente presente na Educação Física por conta dos seus conteúdos e formas de desenvolvimento, que ocorrem situações que podem contribuir para exercitar e estimular a inteligência emocional.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o conhecimento sobre o conceito de inteligência emocional e as potencialidades de inclusão do tema nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental (anos iniciais), na perspectiva de professores de escolas públicas, municipais e privadas de Bauru-SP.

A importância de investigar a relevância do tema inteligência emocional na escola se deve pelo interesse em complementar uma educação que visa formar o cidadão como um todo, considerando que a educação integral também envolva o desenvolvimento da personalidade do aluno como ser crítico e conhecedor das mais diversas formas de comunicação (BETTI; ZULIANI, 2002).

## **2 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES POSSÍVEIS**

Esse capítulo será fundamentado com base em quatro categorias que delineiam a pesquisa à luz da literatura: educação de qualidade, inteligência emocional, inserção da inteligência emocional e resultados no contexto escolar e Educação Física e relações com a inteligência emocional.

### **2.1 Educação de qualidade**

Para que uma educação de qualidade se consolide é preciso entender o que significa educar o homem. Partimos do pressuposto que educar o homem é humanizá-lo. Esse processo de humanização acontece quando o tornamos capaz de compreender os elementos que delineiam o meio que ele vive para que ele possa intervir com sabedoria. Para que os educadores transformem a educação com sentimento de ampliação da liberdade e colaboração entre os homens. (CHAVES, 2008). Entretanto, para uma educação de qualidade e retornos positivos para a toda sociedade, é preciso alcançar toda a população com equidade.

A Constituição Federal no inciso VII do artigo 206, determina que o direito à educação abrange a garantia não só do acesso e da permanência no ensino fundamental, mas também a garantia de padrão de qualidade como um dos princípios segundo o qual se estruturará o ensino para todos (BRASIL, 1988).

Apesar da Constituição brasileira garantir um ensino de qualidade para todos, o Brasil está entre os países que oferecem uma baixa qualidade de educação pública, tendo mais da metade dos alunos avaliados pelo PISA<sup>1</sup> (2015) em um nível inferior ao que se espera de um aluno crítico e informado nas áreas de ciências, matemática e português. Outro índice que tem o nível de educação como base é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no qual segundo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento<sup>2</sup> (2015) o Brasil aparece em septuagésimo nono em um ranking com 188 países.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa>. Acesso em: 13/09/2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 13/09/2018.

Segundo o estudo de Fleury e Mattos (1991), que tinha como objetivo estabelecer uma comparação entre anuários estatísticos e relatórios do nosso sistema educacional e dos países Estados Unidos, França, Alemanha, Coréia, Cuba e Japão, os resultados mostraram que a efetividade do nosso sistema se encontra abaixo da média de outros países.

Dessa forma, é nítido que o Brasil necessita de ajustes em diversos aspectos fundamentais concernentes à construção de um movimento nacional em prol da qualidade da educação. Mas quais seriam esses aspectos?

Tratar esse assunto é algo desafiador para Dourado e Oliveira (2009), que concluem que uma escola de qualidade deve considerar a dimensão socioeconômica e cultural onde está instalada.

Nesse sentido, entende-se que a construção de uma escola de qualidade deve considerar a dimensão socioeconômica e cultural, uma vez que o ato educativo escolar se dá em um contexto de posições e disposições no espaço social (de conformidade com o acúmulo de capital econômico, social e cultural dos sujeitos-usuários da escola), de heterogeneidade e pluralidade sociocultural, de problemas sociais que repercutem na escola, tais como fracasso escolar, desvalorização social dos segmentos menos favorecidos e incluindo a autoestima dos alunos. (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 210)

Os teóricos também discutem acerca da desigualdade socioeconômica-cultural que existe nas regiões do Brasil, que precisam de uma educação de qualidade que esteja em sintonia para à superação destes problemas em busca da equidade.

Analisa-se que o financiamento público também é preciso para uma educação de qualidade, uma vez que é por meio dele que se torna possível uma implementação de escolas públicas de qualidade, que os alunos tenham acesso a estudos específicos nos diferentes níveis. O respaldo financeiro também garante que a estrutura escolar e suas instalações possam se adequar e reparar para um melhor ambiente escolar.

Consideram que o ambiente escolar de qualidade vai além das estruturas e instalações, pois é de suma importância as relações entre alunos, docentes e funcionários. O diálogo é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Para compreender melhor essa prática dialógica, recorreremos a Freire que acrescenta:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao

mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Dourado e Oliveira (2009) ainda consideram o projeto político-pedagógico da escola, a participação e integração da comunidade escolar, a visão de qualidade dos agentes escolares, dimensão do acesso, permanência e sucesso na escola, a avaliação da aprendizagem e do trabalho escolar realizado, a formação e condições de trabalho dos profissionais da escola, entre outros, como aspectos que traduzem positiva ou negativamente a qualidade da aprendizagem na escola, sendo o último também abordado por Machado (2009, p. 279), pois para ele “é imprescindível que as condições de trabalho dos professores da Educação Básica melhorem substancialmente, uma vez que eles são os elementos decisivos para a fecundação de qualquer política educacional”.

Associada à necessidade de uma sólida política de formação inicial e continuada, bem como à estruturação de planos de carreira compatíveis aos profissionais da educação, destaca-se a importância de políticas que estimulem fatores como motivação, satisfação com o trabalho e maior identificação com a escola como local de trabalho, como elementos fundamentais para a produção de uma escola de qualidade (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p.212).

Para tanto, é evidente que para muitos dos aspectos levantados exige-se para a educação de qualidade uma democratização do ensino. A democracia, vista pelo exemplo da escolha do diretor que é permeado pela participação de toda comunidade escolar (ou via concurso público), gera um fortalecimento da autonomia. Dourado e Oliveira (2009) enfatizam que os processos de participação mais amplos possam se articular com outros fatores, como formação à experiência profissional, formação específica e capacidade de comunicação e de motivação dos diferentes segmentos da comunidade escolar, que além de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, é capaz de preencher todos os requisitos de uma escola verdadeiramente inclusiva que respeita a diversidade e a opinião de sua comunidade.

Nesse sentido, apenas medidas de ordem quantitativa como um investimento realmente racional na educação, reduzindo despesas, aumentando salários e permanência da criança na escola não bastam. É preciso confiar mais na escola, dotá-la de maior autonomia para estabelecer seus objetivos e os meios para atingi-los de acordo com sua realidade. Para tanto, é necessário que nosso modelo de

gestão seja revisado a exemplo dos países estudados, como França, Estados Unidos e Japão, na direção de um maior equilíbrio de direitos, deveres e responsabilidades. (FLEURY; MATTOS, 1991)

De acordo com o estudo de Damiani (2006), outro aspecto qualitativo de grande importância para uma educação ideal é a colaboração entre os professores para trabalharem juntos (e não apenas juntarem seus trabalhos) a fim de uma educação mais inclusiva e articulada. Mas para isso ainda é preciso uma maior discussão nos cursos de formação inicial e nos programas de formação continuada de docentes para fomentar estratégias que permitam cada escola fortalecer o vínculo entre as disciplinas em prol de uma melhoria no ensino e aprendizagem.

Diante desses aspectos apresentados, constatamos a grande quantidade de pessoas envolvidas para construir e efetivar uma educação de qualidade. Não somente a presença humana, mas a produção humana subjetiva e crítica, o diálogo, as interações sociais, as discussões, a democratização, a argumentação e o estímulo para que os docentes também tenham espaço para se expressar e serem ativos nessa elaboração, configuram elementos necessários para o embasamento de uma educação melhor e podem também ter uma maior qualidade de criação ou execução quando estão permeados por uma inteligência emocional eficaz.

Afinal, educar tem uma correlação intrínseca com a inteligência emocional, uma vez que faz parte do processo de humanizar a boa disposição com o próximo, o afinamento das emoções e a capacidade de penetrar os problemas da vida (CANDIDO, 1989).

## **2.2 Inteligência Emocional**

O termo "inteligência emocional" foi utilizado pela primeira vez em um artigo de mesmo nome, no qual é apresentado como habilidades que estariam relacionadas ao "monitoramento dos sentimentos e emoções em si mesmo e nos outros, na discriminação entre ambos e na utilização desta informação para guiar o pensamento e as ações" (SALOVEY; MAYER; DIPAOLO, 1990, p.189).

A utilização de processos relacionados à Inteligência Emocional se inicia quando uma informação carregada de afeto entra no sistema perceptual, envolvendo os seguintes componentes: a) avaliação e expressão das emoções em si e nos

outros; b) regulação da emoção em si e nos outros; e c) utilização da emoção para adaptação. Esses processos ocorrem tanto para o processamento de informações verbais, quanto não-verbais (SALOVEY; MAYER; DIPAOLO, 1990).

Em 1997, Sluyter e Salovey apresentam uma revisão ampliada, clarificada e melhor organizada do modelo de 1990, que enfatizava a percepção e controle da emoção, mas omitia o pensamento sobre sentimento. Nas palavras dos autores, a definição que corrige esses problemas é a seguinte:

A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (SALOVEY, SLUYTER; 1997, p. 15)

O conceito se popularizou mais tarde com o livro "Inteligência Emocional", de Daniel Goleman, publicado em 1995. Presente na psicologia, ensina que o controle das emoções é essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo (GOLEMAN 1995; 2006). O autor ainda afirma que não existe uma "loteria genética" que define vitoriosos e fracassados no jogo da vida e, embora existam pontos que determinam o temperamento, muitos dos circuitos cerebrais da mente humana são maleáveis e podem ser trabalhados (GOLEMAN, 1995).

O psicólogo define a Inteligência Emocional como a "capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos". (GOLEMAN, 1995, p. 337).

A Inteligência Emocional é a maior responsável pelo sucesso ou insucesso dos indivíduos. Como exemplo, o especialista aponta que a maioria das situações de trabalho e da vida é envolvida por relacionamentos entre as pessoas. Isso significa que pessoas com qualidades de relacionamento humano — como afabilidade, compreensão e gentileza — têm mais chances de alcançar o sucesso.

A Inteligência Emocional pode ser categorizada em cinco habilidades, de acordo com Goleman (1995):

**Autoconhecimento emocional** - É o domínio de reconhecer as próprias emoções e sentimentos, gerando uma maior possibilidade de tomadas de decisão.

**Controle emocional** - É saber lidar com as próprias emoções e sentimentos, por um processo dirigido pela razão, adequando-os a cada situação vivida, fazendo

com que uma situação ruim que leva a sentimentos estressantes seja mais facilmente superada.

**Automotivação** - Conduzir as emoções e sentimentos a fim de realizar um objetivo ou realização pessoal. Conseguindo brotar sentimentos bons que alinhem as paixões ao trabalho a ser realizado.

**Reconhecimento de emoções em outras pessoas** - Reconhecer as emoções em outro indivíduo.

**Relacionamentos interpessoais** - Obter por meio das competências sociais uma boa interação com outros indivíduos.

As três primeiras são habilidades intrapessoais e as duas últimas, interpessoais. Tanto quanto as primeiras são essenciais ao autoconhecimento, estas últimas são importantes para relacionamentos interpessoais, como ocorre na organização de grupos - habilidade essencial da liderança, que envolve iniciativa e coordenação de esforços de um grupo, bem como a habilidade de obter do grupo o reconhecimento da liderança e uma cooperação espontânea. Assim como em situações de negociação de soluções, que é a característica do mediador, prevenindo e resolvendo conflitos, que também depende da empatia, que é a capacidade de, ao identificar e compreender os desejos e sentimentos dos indivíduos, reagir adequadamente de forma a canalizá-los ao interesse comum, gerando, assim, uma maior e melhor sensibilidade social - capacidade de detectar e identificar sentimentos e motivos das pessoas.

Goleman explica em seu livro "Inteligência Social", publicado em 2006, que quando um sujeito consegue utilizar os atributos cognitivos da inteligência emocional, dentro do contexto cultural em que está inserido, ele está exercitando a inteligência social.

Apesar de serem termos parecidos e frequentemente confundidos por conta de sua semelhança, o primeiro está ligado um conjunto crucial de habilidades que existem dentro de nós, como seres humanos, a capacidade de gerenciar as nossas emoções e nosso potencial interior para relacionamentos positivos. E o segundo é uma extensão da primeira, sendo as capacidades que um indivíduo tem dentro de si para a psicologia de duas ou mais pessoas (GOLEMAN, 2007), podendo considerar a inteligência emocional como uma subclasse da inteligência social (SALOVEY; MAYER; DIPAOLO, 1990).

Para Buzan (2005) seres humanos são animais sociais, que precisam da inteligência social para se dar bem com as pessoas e com os relacionamentos ao seu redor. Em seu livro “O poder da Inteligência Social: 10 maneiras de ativar o seu gênio social”, publicado em 2005, o autor traz a inteligência social para mais próximo do dia-a-dia das pessoas. Explica que uma inteligência social desenvolvida facilita diversas possíveis situações que um indivíduo provavelmente irá passar em sua vida: causar boa impressão em uma entrevista de emprego, fazer amigos com maior facilidade e até falar em público com mais desenvoltura.

Segundo Buzan (2005), as pessoas socialmente inteligentes são as que se destacam nos primeiros encontros, sendo lembradas por sua simpatia e cordialidade, pela atitude positiva e o interesse pelas demais pessoas. Ressalta, ainda, que esta é uma das inteligências mais importantes e benéficas para o ser humano, acrescentando o fato de que ela pode ser desenvolvida: estar atento à linguagem corporal e ter consciência da “zona de conforto” de cada um, além de ouvir realmente as pessoas.

Outro estudo que envolve a inteligência humana e tem correlação com a inteligência emocional é a teoria das inteligências múltiplas. Desenvolvida pelo psicólogo Howard Gardner, conclui que o homem possui nove tipos de inteligência, são elas: lógico, linguística, corporal, naturalista, espacial, musical, natural interpessoal e intrapessoal, existencial.

Essas duas últimas tem uma maior aproximação com a inteligência emocional. A inteligência interpessoal resulta da facilidade em estabelecer relacionamentos com outras pessoas, assim como identificar a personalidade das outras pessoas. Pode ser descrita como uma habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Na sua forma mais primitiva, a inteligência interpessoal se manifesta em crianças pequenas como a habilidade para distinguir pessoas, e na sua forma mais avançada, como a habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. O correlativo interno da inteligência interpessoal é o conceito de inteligência intrapessoal, isto é, a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais (GARDNER, 1985).

Albrecht (2006) situa a inteligência social dentro da perspectiva das inteligências múltiplas, fazendo uma releitura dos conceitos apresentados por Gardner: o que foi abordado como “inteligência interpessoal”, na visão de Albrecht passa a ser denominado de “inteligência social”. Para o autor, esse tipo de inteligência consiste tanto de percepção como de comportamento, sendo conceituada como a habilidade de se relacionar bem com as outras pessoas e de conseguir a cooperação delas.

É possível observar que o emaranhado de teorias sobre a inteligência humana é complexo, pois existem pontos em comuns entre elas, fazendo que uma perpassa pela outra, construindo assim uma linha tênue entre separação de uma para a outra teoria. Por esse motivo, escolhemos contemplar neste estudo, como foco, a definição de inteligência emocional de Daniel Goleman que foi quem popularizou e complementou os primeiros estudos acerca do tema, mas sem desconsiderar outras possíveis associações na perspectiva dos docentes participantes da pesquisa com os demais autores e conceitos.

### **2.3 Inteligência Emocional: inserção e resultados no contexto escolar**

A alfabetização emocional, termo utilizado para contemplar o ensino e aprendizagem da inteligência emocional, pode ser fomentada através de jogos e estratégias vivenciadas, “que aguçam suas funções cerebrais e abastecem sua memória de informações, prontas para serem usadas...” (ANTUNES, 2000, p.19).

Tomando por base as observações de Antunes (2000), podemos sustentar que as estratégias para o desenvolvimento da alfabetização emocional são ações que por meio de várias técnicas são capazes de aumentar o acervo de vivências na memória do aluno e, ocasionalmente, pode auxiliar o aluno a administrar suas emoções em outras situações.

O trabalho de alfabetização emocional deve estar centrado na preocupação em levar o aluno a identificar as emoções presentes nos grupos em que convive, nele mesmo e a trabalhar o controle dessas emoções. Um educador que consegue estabelecer com seus alunos um clima com essas características, conseguirá ter sucessos no tocante à aprendizagem formal dos alunos. As crianças se sentirão preparadas para bem aprender. Sua inteligência emocional

encontrará clima para florir livremente.

Pereira (2002) defende o ensino e aprendizagem da inteligência emocional da seguinte forma:

Crianças hábeis em lidar com as emoções ganham no que diz respeito à sociabilidade, pois são mais dadas e queridas por outras crianças. Os professores as classificam entre as que menos apresentam problemas comportamentais. Há também os benefícios de ordem cognitiva, essas crianças são mais atentas e, portanto, aprendem melhor. Este é um forte argumento em defesa do ensino da inteligência emocional como pré-requisito para a aprendizagem acadêmica e em tudo mais na vida. (PEREIRA, 2002, p. 6)

Goleman (1996) lista uma série de benefícios que foram observadas pelos professores em escolas que adotaram a alfabetização emocional. Sendo elas relacionadas principalmente com a autoconsciência emocional, canalização produtiva das emoções, empatia, controle de emoções e relacionamento interpessoal. Ele explica que apesar de grandes benefícios, o ensino e aprendizagem da inteligência emocional não é uma tarefa simples, na qual poderia ser assimilada e colocada em prática no dia-a-dia em apenas uma aula. Uma vez que leva um tempo maior para que ocorra as mudanças interiores necessárias, deve se constituir como um trabalho contínuo e que pode ser lapidado durante toda a vida.

Dessa forma, muitas vezes o resultado não vem depois de uma única aula, podendo não parecer uma novidade ou nenhuma solução imediata para os problemas que tentam tratar por meio da inteligência emocional. A alfabetização emocional é um processo que precisa ser repetido diversas vezes para que se torne revelador seu resultado, pois “[...] à medida que as experiências são repetidas e repetidas, o cérebro reflete-as como caminhos fortalecidos, hábitos neurais que entram em ação nos momentos de provação, frustração, dor” (GOLEMAN, 1995, p.279). Portanto, é a partir desse processo trabalhoso e que exige grande persistência, que se obtêm resultados valiosos.

Dessa forma é possível criar diversos momentos de aprendizagem para que os alunos vivenciem situações que possam estimular as áreas de conhecimento da inteligência emocional. É preciso adaptar a inteligência emocional para que ela foque em auxiliar nas etapas da vida que os alunos podem enfrentar.

A melhora nos relacionamentos interpessoais, na autonomia e na comunicação em grupos, por exemplo, pode ocorrer por meio de inúmeras situações

de aprendizagem proporcionadas pelos professores. Como ocorre no estudo de Colaço (2004, p. 222) que observa os benefícios do trabalho em equipe com crianças que “orientam, apoiam, dão respostas e inclusive avaliam e corrigem a atividade do colega, com o qual dividem a parceria do trabalho, assumindo posturas e gêneros discursivos semelhantes aos do professor”.

Outra forma de estimular a inteligência emocional é o trabalho em equipe que se preocupe com a composição dos grupos, focando em pares com diferentes idades que possibilitem um auxílio do mais adiantado e provocará o desenvolvimento do membro menos avançado, como adverte Tudge (1996). Nesse processo, possibilitará uma valorização dos próprios conhecimentos da criança que ensina, promovendo o autoconhecimento. A confiança será estimulada no processo de explicação. Ainda, criará um sentimento de empatia pelo colega que precisa de seu auxílio e que precisa ser ouvido. Enquanto a criança que precisa de auxílio, precisa buscar um diálogo para que o outro entenda suas dúvidas, fomentando a habilidade de comunicação.

Goleman e Senge, exemplificam em seu livro intitulado “Foco Triplo”, publicado em 2016, algumas atividades que trouxeram benefícios. Um deles, adotado há anos numa escola primária de New Haven, consiste em organizar as crianças numa roda de conversa no início da aula e dar espaço para cada criança dizer como se sente naquele dia. Essa simples atitude faz com que os alunos criem o hábito de autoconsciência. Nomear as emoções com precisão ajuda as crianças a ter mais clareza acerca do que ocorre em seu íntimo. Esse é um fator essencial tanto para se tomar decisões lúcidas como para administrar as decisões ao longo da vida.

Outro exercício que se mostrou muito eficaz foi o “amiguinho da respiração”. Nele, cada criança de segundo ano (entre 7 e 8 anos de idade) leva um bichinho de pelúcia para a classe, deita-se no chão e coloca o boneco em cima da barriga. A tarefa é respirar e observar o bichinho enquanto conta de 1 a 4. Depois, expira e observa o animal enquanto volta a contar de 1 a 4. É um exercício simples de foco que mobiliza a atenção das crianças daquela faixa etária de maneira eficiente. Ficou comprovado que o número de conflitos e a bagunça aumentaram nos dias em que a seção de respiração não ocorria. Esses são dois exemplos que mostram que não é

preciso dinheiro extra, tecnologia nem um conhecimento extraordinário para educar nesse sentido (GOLEMAN; SENGE; 2016).

É importante ressaltar que a educação emocional, como Goleman (1995) afirma, é um processo que pode ser estimulado durante toda vida e por isso não é um ensino exclusivo da escola. Por conseguinte, é um processo de construção permanente, originado no seio familiar, depois pela escola e continuando por toda a vida. Entretanto, não deve ser vista como mais um tipo de autoajuda, uma receita que transforma problemas em soluções, quando trabalhada apenas de forma superficial. E isso fica evidente, considerando que o principal objetivo deste novo paradigma tem como princípio o crescimento emotivo-intelectual do ser humano.

Embora os estudos acerca da inteligência e educação emocional sejam relativamente recentes, parece inegável tratar-se de um processo de caráter que além de psicológico é também pedagógico, derivado dos próprios processos de evolução da sociedade, da família, da escola e conseqüentemente dos professores. Quer dizer, a função de assumir o papel de “alfabetizadores emocionais”, antes exercido intuitivamente, agora pode ser consciente (WARDOFK, 2001).

## **2.4 Educação Física e Inteligência Emocional**

De acordo com Betti e Zuliani (2002), a Educação Física Escolar, em conjunto com uma concepção educacional, concebe a formação da criança e do jovem como uma educação integral, ou seja, o desenvolvimento da personalidade do aluno como ser crítico e conhecedor das mais diversas formas de comunicação.

O ensino proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo 32, está em função do objetivo maior do ensino fundamental, que é o de propiciar a todos formação básica para a cidadania, a partir da criação na escola de condições de aprendizagem para: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o

fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996).

Pode-se perceber que o terceiro e o último item apontados estão diretamente relacionado com a inteligência emocional, uma vez que ela se acentua primordialmente em relações humanas e em valores que tem a empatia como base.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam a autonomia, que está relacionada à automotivação e controle de emoções, como um dos aspectos não específicos de alguns temas ou áreas, mas que precisam ser analisados e discutidos pela comunidade escolar.

A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc. Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. (BRASIL, 1997, p. 62)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física também estabelecem a importância dos aspectos emocionais tanto quanto das questões cognitivas. Afirmando que as noções emocionais e afetivas são ainda mais significativas para os alunos prejudicados pelo fracasso escolar e ou para aqueles que não estão interessados naquilo que escola é capaz de oferecer. Conseqüentemente, o grau de aceitação ou rejeição, a afetividade, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em uma turma interferem diretamente na aprendizagem. Afirmo, por conseguinte que a participação efetiva de um aluno costuma variar em função do grupo em que está inserido, indo de acordo com os estudos de Goleman (1995), que indicam que os laços construídos, a afetividade e as afáveis relações humanas, que são melhores construídas por meio da educação emocional, mudam positivamente o comportamento dos alunos.

A Educação Física escolar tem seus fundamentos nas concepções de ser humano e movimento. Ou, dito de outro modo, a natureza do trabalho desenvolvido nessa área tem íntima relação com a compreensão que se tem dessas duas concepções.

Uma análise que considere a Educação Física para além do aspecto físico, sem abandoná-lo, poderá verificar que é possível por intermédio da área, trabalhar também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto

é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos.

[...] analisar como o professor mobiliza conteúdos, metodologias e saberes próprios de sua disciplina ou área de conhecimento, visando a desenvolver competências em adolescentes, bem como a instigar desdobramentos para a vida adulta. (SÃO PAULO, 2008, p. 12)

Trata-se, então, de localizar em cada uma das manifestações da Educação Física escolar (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) seus benefícios fisiológicos, psicológicos, mas também suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura.

A prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais. (BRASIL, 1997, p. 62)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dos primeiros anos do ensino fundamenta indica que nessa faixa etária é preciso iniciar as discussões e debates entre os alunos sobre determinados assuntos da Educação Física. E salienta que discutir é um processo complexo, que demanda uma série de outras aprendizagens, como analisar a situação, defender pontos de vista, levantar questões e, que nesse grupo etário, pode representar o escutar as falas do professor e colegas. Todas essas práticas estão associadas a relacionamento entre pares, que estimulará a inteligência emocional, colocando-a em prática no momento em que precisam dialogar, afirmar seus pontos de vistas, com respeito. (BRASIL, 2016)

A BNCC também determina o ensino e valorização às manifestações de outras culturas, fomenta o diálogo que combate o preconceito e desperta a empatia. Ela também estabelece a conversa sobre o esporte de alto rendimento, fundamentado na competição, com regras e normas rígidas e com o objetivo de superação, competição e vitória, mas que também tem o viés da exclusão e frustração. (BRASIL, 2016) As duas situações proporcionam reflexões e práticas a respeito tolerância à frustração, controle da raiva, identificação de sentimentos, formas adequadas de se expressar e autocontrole, itens que fazem parte da inteligência emocional.

Por fim, a BNCC revela que ao dançar, os alunos movimentam-se pelos espaços, interagindo com os ambientes e com os colegas, conhecendo a si próprios e reconhecendo o outro. Ainda, explica que a ginástica de conscientização corporal, estimula o autoconhecimento. (BRASIL, 2016) Ambas as práticas também se relacionam com a inteligência emocional.

Apesar da Educação Física escolar brasileira se encontrar com diversas dificuldades para se implantar de forma legítima por conta das adversidades que outras áreas da educação pública também se depara, tais como a falta de incentivo, a valorização dos profissionais, a marginalização da área como apenas complementar de outras, a falta de capacitação dos professores, falta de recursos e desmotivação dos docentes, ainda é possível encontrar escolas públicas que superam essas adversidades e, por conseguinte, conseguem oferecer para seus alunos uma Educação Física de qualidade.

A Educação Física escolar genuína insere, adapta e incorpora o aluno na cultura corporal de movimento, sua função é formar o cidadão que segundo Betti (1992) irá produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, qualificando-o para desfrutar os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas e práticas de aptidão física, em proveito do exercício crítico dos direitos e deveres do cidadão para a benfeitoria da qualidade de vida humana.

Isto posto, a Educação Física escolar visa despertar nos alunos o interesse em envolver-se com as atividades e exercícios corporais criando convivências harmoniosas e construtivas com outros cidadãos, sendo capazes de reconhecer e respeitar as características físicas e desempenho de si próprio e de outros indivíduos, não segregando e nem depreciando outras pessoas por qualidades e peculiaridades como aspectos físicos, sexuais e sociais. Assim, está extremamente ligada ao estímulo da educação emocional, propiciando momentos de reflexão sobre si próprio e sobre os outros.

Nos momentos de recreação e jogos esportivos é possível encorajar o aluno a ter atitudes de respeito mútuo, empatia, dignidade e solidariedade para com o próximo, valorizando, conhecendo e aceitando a exposição da cultura corporal dos diferentes grupos, transfazendo em meios para o convívio entre pessoas de diferentes círculos sociais. E isso de maneira muito mais espontânea que em outras matérias escolares.

A pesquisa de Carvalho (2006), por sua vez, mostra a possibilidade da construção de aulas de Educação Física colaborativas, indo de encontro ao clima competitivo geralmente existente nessa disciplina. A pesquisadora desenvolveu, com os alunos, atividades desportivas modificadas, em que a inclusão de todos era o objetivo principal. Para isso, as regras dos desportos foram adaptadas, criando uma cultura de solidariedade e participação entre os estudantes de 5ª série do ensino fundamental. Os dados mostram que os alunos passaram a perceber a importância dos jogos colaborativos para a inclusão de todos os colegas, tendo uma atitude crítica em relação a atividades competitivas desenvolvidas em outras disciplinas. Dessa forma, mesmo sem a intenção de estimular a inteligência emocional, ela foi trabalhada de forma indireta na aula de Educação Física e, ainda que não de modo concebido ou declarado, a professora construiu a possibilidade das crianças refletirem sobre empatia, sobre harmonização do grupo, sobre ser pró-social ao se colocarem no lugar do outro para promover a inclusão.

Enquanto muitos professores não trabalham com a inteligência emocional de forma consciente, Goleman (2016) afirma que por trás de desenhos e jogos virtuais famosos educativos, já existe uma equipe composta por educadores e psicólogos que incluem o desenvolvimento da inteligência emocional. Esses jogos envolvem o foco e a atenção do jogador para, por exemplo, conseguir algum benefício ou para desenvolver uma melhor estratégia. Essa característica pode ser encontrada em jogos como xadrez ou até aqueles que desenvolvem o tempo de reação da criança, que exigem uma maior atenção e foco do participante. Ou seja, seria outra facilidade encontrada pela área para abranger a inteligência emocional.

Alguns autores a partir do conhecimento proveniente da teoria das inteligências múltiplas trouxeram uma série de opções para trabalhar a inteligência emocional, subdividindo-a em intrapessoal e interpessoal. (ZENHAS; SILVA; JANUÁRIO, 2002)

Os jogos que induzem um estímulo da inteligência interpessoal, o fazem através da promoção de atividades na aula que impliquem trabalho de par ou de grupo, como por exemplo, trabalhos de par/grupo ou jogos em par/grupo. Propondo e ajudando a organizar tutoria de pares, ou seja, uma situação em que um aluno melhor numa determinada área ou matéria ajuda outro com mais dificuldades.

Outra forma de estimular a interação entre os alunos, é promovendo a troca de correspondência entre escolas. Incentivando o desenvolvimento das competências sociais e de comunicação como: a escuta ativa, o encorajamento, o elogio, a empatia e a resolução de problemas. (ZENHAS; SILVA; JANUÁRIO, 2002)

Para o enriquecimento da inteligência intrapessoal os autores propõe uma autoavaliação da aprendizagem após uma sessão de estudos ou atividade. Ou ainda, a redação de um "diário de estudo" depois de cada sessão de estudo, com as reflexões sobre o que acabaram de estudar. Dessa forma, os alunos podem perceber a escrita e as reflexões interiores como um alicerce de seus estudos e se tornarem mais consciente do seu estilo de aprendizagem (CHAPMAN, 1993; ANTUNES, 1999).

É importante salientar que independentemente da atividade escolhida para estimular a inteligência emocional do aluno, é preciso que o professor não se prenda somente à faixa etária indicada por alguns livros que relacionam o jogo com a idade. Afinal a inteligência das crianças não depende apenas da idade cronológica e sim do ambiente onde estão inseridas e dos estímulos que recebem.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo explicita-se a base metodológica que sustentou a pesquisa, e segundo Gaskell e Bauer (2002) e André (1995), o estudo insere-se no campo de pesquisas qualitativas e interpretativas. As pesquisas científicas possuem um ciclo, um modo específico de fazê-la. Desse modo,

É um labor artesanal, que não se prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos, técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo particular. A esse ritmo denominamos ciclo de pesquisa, ou seja, um processo de trabalho espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. (MINAYO, 1996, p. 25-26).

Rodrigues e Limena (2006) definem a abordagem qualitativa como quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema com base nesses procedimentos. É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, podemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e, ainda, interpretar os dados, fatos e teorias.

O pesquisador tem o objetivo de se aprofundar nas ações dos indivíduos e no contexto que estão inseridos e as respostas dos entrevistados são interpretadas e o foco não é na representação numérica ou estatísticas; o foco é na interação entre o pesquisador e o entrevistado; o registro de dados coletados é muito importante, assim como a interpretação do pesquisador. Minayo (2008) evidencia que na pesquisa qualitativa, durante a pesquisa científica, é necessário entender sobre o objeto de estudo, rever a fundamentação sobre o tema, fazer uso de técnicas adequadas para coletar dados e analisar todo o material, contextualizando e interpretando as informações obtidas.

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem

durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2008, p. 57).

Para responder ao objetivo desta pesquisa foram realizadas pesquisas bibliográficas relacionadas à temática em questão, consultas a leis e regulamentações sobre o ensino nos anos iniciais e entrevistas com nove professores, sendo três da rede municipal, três da rede estadual e três da rede privada da cidade de Bauru-SP.

Para a coleta de dados com os professores definiu-se a entrevista semiestruturada.

Para Manzini (1990), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas da entrevista. Esse tipo de entrevista proporciona uma conversa de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Manzini (2003) reforça que é viável planejar a coleta de informações previamente, construindo um roteiro com perguntas que atinjam o propósito pensado.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 84).

Preocupado com a forma que pesquisadores coletariam informações, Manzini (2003) considera alguns cuidados que se deve ter ao formular as questões para o entrevistado: cuidados quanto à linguagem, cuidados quanto à forma das perguntas e cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros. Dessa forma, este trabalho se apoia em autores como Lakatos e Marconi (1996), Manzini (2003) e Minayo (2008), e fundamenta-se na ideia que uma boa entrevista tem formulação de perguntas básicas, que irão acompanhar o caminho da pesquisa.

Como todas as escolhas, é possível identificar vantagens e desvantagens em usar a entrevista como ferramenta em uma pesquisa.

As vantagens da entrevista implicam no fato de que pode ser utilizada com todos os segmentos da população, fornece uma amostragem muito melhor da população geral, há maior flexibilidade, o entrevistador pode repetir ou esclarecer perguntas, especificar algum significado, oferecer maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam

relevantes e significativos. Há a possibilidade de se conseguir informações mais precisas, podendo contestar de imediato as discordâncias também (MARCONI; LAKATOS, 1996, p.86).

As desvantagens também são ressaltadas pelos autores:

As desvantagens da entrevista estão na dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes, o que pode levar a uma falsa interpretação das perguntas, possibilidade de o entrevistado ser influenciado, consciente ou inconsciente pelo entrevistador, disposição do entrevistado em dar as respostas, retenção de dados importantes por medo de sofrer consequências, pequeno grau de controle sobre uma situação de coleta de dados, ocupa muito tempo e é difícil de ser realizada (MARCONI; LAKATOS, 1996, p.86).

A seleção dos participantes foi iniciada em uma escola privada, na qual a direção se mostrou aberta a receber a pesquisadora. Os próprios professores entrevistados, quando entendiam o propósito da pesquisa, indicavam outros para participar da pesquisa em diferentes locais da cidade.

A entrevista foi previamente planejada, tendo um roteiro delineado de acordo com os objetivos que seriam alcançados. A apresentação foi feita juntamente com a explicação da entrevista, e foi explicitado que os professores poderiam recusar ou deixar de participar do estudo em qualquer momento.

Durante as entrevistas, alguns professores demonstravam receio ao responder as perguntas, o que buscamos amenizar com um clima de livre diálogo, e antes de começar esclarecer que caso mudasse de ideia ou não quisesse responder a alguma questão poderia se recusar, assim como afirmava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - modelo no Apêndice A) e novamente foi reforçado que poderia, também, deixar de participar do estudo, se assim desejasse.

A entrevista foi norteadas pelas seguintes questões:

- Qual sua idade e tempo de experiência como professor?
- Qual sua formação acadêmica? (ano de formação e instituição)
- Aonde atua? Escola pública e/ou privada? Quais níveis de ensino atuou durante a vida profissional?
- Você conhece o conceito de Inteligência Emocional? Quais pontos você associa com a ideia de Inteligência Emocional? Se sim, como se apropriou desse conhecimento? Fez algum curso, palestra, leitura de livros ou canais da internet...

- A escola (direção/coordenação) já abordou esta temática de alguma forma com os professores (em atividades de formação docente, HTPC/ATPC, reuniões)? Ou ela é trabalhada em alguma disciplina?
- Qual impacto você acredita que possa ter na formação dos alunos?
- No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos/atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?
  - Se sim, de que forma?
  - Se não, pensa na possibilidade de incluir? Como acha que isto poderia ser feito?
- Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?
- Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?
- Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?

As entrevistas foram transcritas na íntegra e encontram-se no Apêndice B.

Os resultados obtidos durante as entrevistas serão discutidos em três categorias, em diálogo com a produção da literatura, na sequência: a) “Definição e formação acadêmica em torno da inteligência emocional e abordagem da escola”, b) “A inteligência emocional e a formação dos alunos: potencialidades” e c) “A inteligência emocional nas aulas de Educação Física”.

Ressaltamos que a análise dos dados seguiu as orientações de análise de dados qualitativos, como ressalta Minayo (2008).

#### 4 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Para a análise e discussão dos resultados foram organizadas três categorias: Definição e formação acadêmica em torno da inteligência emocional e abordagem da escola, b) a inteligência emocional e a formação dos alunos: potencialidades e c) A inteligência emocional nas aulas de Educação Física.

O quadro 1 demonstra a idade dos entrevistados, o ano que se graduaram como professores de Educação Física, o tempo de experiência como professor e a escola que atuam no momento.

Quadro 1 – Informações pessoais dos entrevistados

	<b>Idade</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>Tempo de experiência</b>	<b>Escola atual</b>
<b>Professora 1</b>	55 anos	1992	26 anos	Municipal
<b>Professor 2</b>	51 anos	1986	28 anos	Municipal e privada
<b>Professor 3</b>	53 anos	1988	20 anos	Municipal
<b>Professora 4</b>	29 anos	2011	7 anos	Privada
<b>Professora 5</b>	35 anos	2007	10 anos	Privada e estadual
<b>Professora 6</b>	27 anos	2012	6 anos	Privada
<b>Professora 7</b>	30 anos	2010	6 anos	Estadual
<b>Professora 8</b>	35 anos	2011	2 anos	Estadual
<b>Professora 9</b>	35 anos	2007	6 anos	Estadual

Fonte: Acervo da pesquisadora.

##### *a) Definição e formação acadêmica em torno da inteligência emocional e abordagem da escola*

As associações encontradas nas respostas dos professores a respeito da inteligência emocional foram em referência ao autocontrole, questões comportamentais, emocionais, afetivas e sentimentais.

Apesar das associações estarem corretas, oito de nove professores, independentemente do conhecimento que possuem ou da escola em que atuam, não se sentiram confiantes em falar a respeito de seu conhecimento acerca do significado do conceito de inteligência emocional. Pois eles próprios finalizaram as respostas afirmando que não tem conhecimento aprofundado, detalhado ou

específico, como é o caso da Professora 6: “[A inteligência emocional] é a habilidade de qualquer indivíduo de se auto conhecer em relação as emoções e sentimentos e maneira que ele lida com eles. Não sei detalhadamente. Não sei se tá certo”. Ou ainda, a Professora 7 “o termo emocional tá ligado as questões emocionais e afetivas. Acho que desenvolver e trabalhar o seu emocional. Eu sei muito pouco”.

Essa dificuldade pode ser atribuída por diversos fatores. Um deles é pelo conceito ser relativamente recente na área acadêmica e pouco difundida na área da Educação Física, que costuma ser apresentado de forma fragmentada pelos currículos, parâmetros nacionais e BNCC, trazendo as habilidades socioemocionais contempladas pela inteligência emocional, porém sem citá-las como abrangente do todo. A professora 7 demonstra essa dúvida: “Eu ouvi já esse termo. Talvez como socioemocional. Elas falam da mesma coisa?”, o que faz com que os professores façam algumas possíveis associações por conta do nome sugestivo do termo, sem ter certeza se está correto.

Outro fator que está relacionado à insegurança dos professores para abordar a temática é a falta de conhecimento sobre o assunto. Uma forma de trazer para o corpo docente conhecimentos relacionados à inteligência emocional podem ser por meio do diálogo na escola ou em ações de formação nos HTPC/ATPC, por exemplo.

Sobre esta possibilidade, seis dos nove professores relatam que a escola nunca retratou especificamente esse assunto com eles, como diz a Professora 5 “a escola pública nunca abordou esse assunto, a privada só comentou bem por cima e não foi trabalhada em nenhuma disciplina”, o Professor 8 “no ATPC a coordenadora já citou sobre, mas sem profundidade” e o Professor 3 “Não. Nunca foi [abordado pela escola]”.

Sousa (2007) explica que as horas destinadas ao HTPC muitas vezes podem ser um espaço de aprendizagem perdido se os professores focam apenas nos problemas que estão tendo com os alunos, desabafando uns com os outros esses casos, muitas vezes sem recorrer a uma solução. Isso ocorre porque não existe uma condução objetiva da reunião, que faça com que os professores dialoguem, aprendam e procurem atualizar sua prática através desse espaço de reflexão. Como é o caso da Professora 1, que explica “todos nós nos reunimos com a coordenação e direção e discutimos os casos dos alunos, [...] ainda não ouvimos falar [sobre inteligência emocional]”.

Duas das três escolas privadas foram as únicas que oportunizaram aos professores um conhecimento mais aprofundado sobre o tema e essas escolas são as mesmas que tem matérias específicas sobre inteligência emocional para os alunos: “essa Escola da Inteligência oferece palestras sobre isso para a comunidade. Podem vir nós professores, pais e alunos” (Professora 4). “Já houve durante reuniões para desenvolvimento profissional que abordavam [para nós]. Pros maiores, não sei qual idade ao certo, mas tem uma matéria, que tratam das habilidades socioemocionais.” (Professora 6).

A professora que participou de tais reuniões, que eram obrigatórias, pode conceituar inteligência emocional de forma mais clara: “É a habilidade de qualquer indivíduo de se auto conhecer em relação as emoções e sentimentos e maneira que ele lida com eles” (Professora 8) Sugerindo que a escola, apesar de não estar abordando esse tema, pode ser uma das responsáveis em promover esse conhecimento aos professores. Esse resultado também demonstra a preocupação desta escola em oferecer esse conhecimento aos alunos.

É importante que a escola ofereça essa atualização, não somente do conceito, mas também fomentar a reflexão para a prática do mesmo. Pois essa formação dá-se, na maioria das vezes, de forma descontextualizada, apresentando uma dicotomia entre teoria e prática, que não garante a qualidade desse profissional. Ou ainda, desatualizada para aqueles que estão há mais tempo formados, mantendo professores que não conhecem novas práticas ou que não conseguem aplicá-las em sua aula (DOURADO; OLIVEIRA, 2009; STEINER, 2006).

Como confirma o relato da Professora 8 quando questionada sobre a possibilidade de aplicação da inteligência emocional em sua prática, o qual ela aprofundou durante a própria entrevista: “Pode ser que sim, mas para isso é preciso ter o conhecimento apropriado do professor”.

Outra possível instituição além da escola que pode auxiliar a prática dos professores é a universidade. Duas professoras que relataram a competência da pós-graduação em promover o conhecimento, inclusive acerca da inteligência emocional, pois foi através dessa formação que puderam conhecer e se apropriar do termo: “Foi somente da pessoa que vai desenvolver esse tema, na pós-graduação, não tinha ouvido falar em outro lugar”. (Professora 7)

Além da pós-graduação, as fontes de conhecimento mais citados pelos professores foram os livros, psicoterapia, palestra e citações de colegas de trabalho.

Dos professores que citaram livros, o único autor contemplado nas falas foi Daniel Goleman, nenhum outro autor foi relacionado ao termo, indicando que apesar do termo não ter sido usado pela primeira vez por ele, Goleman foi quem o popularizou e é o mais buscado a respeito dos conhecimentos da inteligência emocional (GOLEMAN, 1995).

Apenas o Professor 3 citou que conheceu a inteligência emocional através da psicoterapia e explicitou a importância do acompanhamento para os profissionais da educação: “Principalmente a gente que lida com pessoas, para que a gente consiga pensar nisso no dia a dia no trabalho e como lidar com isso”. Porém, ele não foi o único a dizer que os professores, assim como os alunos, precisam desse conhecimento para uma melhor qualidade de gerenciamento de sentimentos e emoções.

O relato da professora 7 está de acordo com o Professor 3: “Eu me sinto bastante emocionalmente confusa, porque eu sou muito emotiva e a gente tem que entender as pessoas e se entender e isso é tão importante pra gente trabalhar com eles e pra nós”. Ainda, o professor 2 durante a entrevista, disse que estava mal-humorado e isso atrapalha seu emocional e, conseqüentemente, ele precisa tomar cuidado para não descontar nos alunos: “O meu quadro de humor agora é uma questão de Inteligência Emocional, você já deve ter percebido [risos]. E isso me faz ter que prestar atenção para não descontar nos alunos”.

Essas manifestações vão ao encontro da posição de Candido (1989), que explica que por conta da interação entre pessoas, não somente pelos alunos, mas também pelos pares de profissão, os professores precisam de uma inteligência emocional afinada para reger uma sala de aula com harmonia. Assim como Wardofick (2011) que defende que um conhecimento amplo da inteligência emocional pelos professores, pois o conceito já passou dos limites psicológicos e adentraram também na área pedagógica. Nesse sentido, destaca o Professor 3: “como não trabalho isso de uma forma psicológica, mas posso trabalhar isso de forma pedagógica”.

Apesar de nem todos os entrevistados terem tido a possibilidade de obter conhecimentos sobre a inteligência emocional, constata-se que aqueles que tiveram

tal oportunidade visualizam a importância que o conceito pode ter em seu trabalho. E que a internet pode apresentar e aguçar a vontade em conhecer melhor a inteligência emocional, mas são os livros que trazem conhecimentos mais concretos, observado pelas respostas dos professores que a eles tiveram acesso.

*b) a inteligência emocional e a formação dos alunos: potencialidades*

A resposta dos professores foi unânime em relação aos possíveis impactos e benefícios trazidos pela inteligência emocional aos alunos: todos acreditam que existam impactos e benefícios positivos, “na questão de se autoconhecer, de criar habilidades de persistência, de se colocar no lugar do outro, de começar do zero” (Professora 6). Ainda, um dos professores ilustra com suas palavras, uma de suas conversas com os alunos, quando questionado sobre o que ganhavam quando participavam da aula:

Eu peguei um troféu e disse ‘isso é material e eu não posso dar pra cada um de vocês quando fazem algo bem feito, mas ganhar elogio, consideração, respeito, experiência de vida, autoconfiança, aprender que você é capaz de realizar algo, vocês ganham’. Que são benefícios emocionais, que eles não percebem. (Professor 2)

Assim como os relatos acima, os demais professores citaram diversos impactos e benefícios possíveis, dentre eles: sucesso em situações da vida, maior persistência, fazer as coisas com motivação, experiência de vida, autoconfiança, respeito pelo outro, prevenção em doenças como depressão e ansiedade, canalização de pensamento positivo, melhora de comportamento, colaboração em grupo e melhor liderança.

Apenas três professores não souberam descrever qual tipo de impacto ou quais benefícios que a alfabetização emocional proporciona. Apenas afirmaram ser positivo, como é o caso da Professora 5: “Imagino que pode trazer muitos benefícios, mas como disse antes, preciso estudar melhor o assunto” e da Professora 9: “Nunca li nada a respeito, especificamente, do ambiente escolar”.

No tocante da experiência de vida, a Professora 7 dá exemplos de que perguntas faz para que seus alunos tentem refletir e encontrar em suas emoções respostas para o que estão sentindo: “ah você acha que isso foi adequado? O que

acha dessa atitude? Poderia ser melhor?”. Essas são perguntas nas quais o aluno poderá fazer uma reflexão para situações fora do ambiente escolar.

Segundo Goleman (1995), o processo de alfabetização emocional é longo e precisa ser estimulado. Pois, em diversos momentos como excitação, ansiedade ou frustração, serão sentidas emoções parecidas com as quais já passou e conseguirá ter maior desenvoltura para superá-las. Por isso, alguns professores explicam que são experiências que não ficarão somente presas à escola: “É uma habilidade que vão adquirir aqui, mas que vai ser útil pra qualquer situação da vida deles”, afirmou a Professora 6. Afinal, na escola o aluno tem a chance de sentir e experimentar diversas situações, sentimentos e emoções, que com a ajuda de um professor consciente em relação à inteligência emocional, poderá contribuir para o estudante entender a si mesmo e dialogar para encontrar as melhores saídas para lidar com esses momentos. Assim, um dia, fora das quadras ou sala de aula, ele poderá ter um conhecimento prévio para lidar com as situações propostas pela vida.

Outro benefício salientado pela Professora 4 se trata da saúde mental das “pessoas [que] sofrem com ansiedade, depressão e diversos males causados pela psique, pelo pensamento. E ensinando a criança a lidar com isso desde o começo, desde pequeno tem um impacto positivo nessas questões”.

A Organização Mundial da Saúde<sup>3</sup> (OMS) publicou em 2017 um novo relatório global relatando o mapa da saúde mental da população brasileira. Os dados foram alarmantes: a depressão atinge 11,5 milhões de pessoas (5,8% da população) e é apontada como a principal causa de mortes por suicídio, com cerca de 800 mil casos por ano, sendo a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Enquanto distúrbios relacionados à ansiedade afetam mais de 18,6 milhões de brasileiros (9,3% da população).

Como a própria OMS informa, programas escolares também fazem parte do tratamento de prevenção e identificação de depressão e ansiedade, assim como terapias e tratamentos médicos. E informam que um dos primeiros sintomas da depressão é o afastamento social. Uma aula na qual é destinada à interação social para estímulo da inteligência emocional, pode-se identificar uma mudança de comportamento. E será ainda mais fácil de analisar possíveis indícios, quando o

---

<sup>3</sup> Disponível em: < [http://www.who.int/mental\\_health/evidence/atlas/mental\\_health\\_atlas\\_2017/en/](http://www.who.int/mental_health/evidence/atlas/mental_health_atlas_2017/en/)> Acesso em: 01/10/2018

professor conhece a turma e repara nas atitudes que eles costumam apresentar: “Quando a gente conhece aquele aluno, a gente sabe quando ele está triste, quando ele está feliz, quando ele está motivado”. (Professora 8)

Ao notar “Alterações de humor, insônia, aspecto triste, deprimido, irritado, desculpas para faltar às aulas, desejo de mudança de escola sem justificativas convincentes, queda brusca no rendimento escolar, sintomas psicossomáticos”, o professor deve ficar atento, porque são sintomas de *bullying*, um dos males escolares que vem se alastrando na escola e que também causam depressão e suicídio (SILVA, 2018, p.36).

Goleman (1995) explica que a inteligência emocional pode combater a depressão utilizando alguns estudos que comprovam sua afirmação, como por exemplo, o estudo de Noelen-Hoeksema, realizado em 1992. As constatações promissoras vieram de uma aula especial, dada uma vez por semana a jovens de 10 a 13 anos com problemas com os pais e mostrando alguns sinais de depressão. Na sessão após as aulas, eles aprenderam algumas aptidões emocionais básicas, incluindo como lidar com discordâncias, pensar antes de agir e, talvez mais importante, contestar as crenças pessimistas associadas à depressão.

Segundo Betti e Zuliani (2002), a personalidade do aluno como ser crítico e conhecedor das mais diversas formas de comunicação podem ser trabalhadas por meio dos conteúdos da Educação Física, incluindo as aptidões emocionais básicas como o pensar antes de agir e lidar com discordâncias, utilizadas no combate a depressão.

Alguns professores relataram que o mal comportamento é um dos causadores de problemas durante as aulas, pois “não conseguem lidar com as frustrações da vida, o que acaba acarretando em "problemas" nas aulas” (Professora 5). Enquanto o Professor 3 acredita que pelo diálogo é possível melhorar essa situação, “se eu observo que tem algum aluno com um comportamento muito diferente, seja ele agressivo, desmotivado ou passivo, eu procuro observar e eu converso.” (Professor 3)

Na Universidade de Illinois, em Chicago temos a organização responsável pelo esforço de levar o *social and emotional learning*<sup>4</sup> (SEL) às escolas de todo o mundo. Os dados mostram que os programas SEL geraram grandes benefícios no

---

<sup>4</sup> Aprendizagem social e emocional

desempenho acadêmico, conforme demonstram os resultados de teste de desempenho e média de notas. Nas escolas que adotaram os programas, mais de 50% das crianças tiveram progresso nas suas pontuações de desempenho e mais de 38% melhoraram suas médias. Os programas SEL também tornaram as escolas mais seguras: ocorrências de mau comportamento caíram em média 28% (GOLEMAN, 1995).

O controle das emoções mostra-se à luz da literatura fundamental para o desenvolvimento e a evolução de um indivíduo, contribuindo diretamente para a construção de uma sociedade formada por pessoas mais confiantes, equilibradas, menos ansiosas e com uma autoimagem positiva. E os professores, mesmo que pouco informados no assunto, reconhecem a capacidade da inteligência emocional em trazer benefícios no processo de ensino e aprendizagem.

### *c) A inteligência emocional nas aulas de Educação Física*

Todos os professores alegaram que é possível desenvolver a inteligência emocional durante suas aulas e exemplificaram momentos propícios para incentivar a progressão dessa inteligência, sendo sempre pelo diálogo e pela reflexão, propostos pelo professor ou pelos alunos, ao término da atividade principal. Ou, ainda, no meio da aula, quando ocorre algum conflito ou situação que precisa ser explorada, de forma individual ou coletiva. Como esclarece a Professora 8: “Acredito que durante a realização das atividades proposta e ao final da aula”.

É através das reações que o conteúdo causa, que as conversas sobre as atitudes dos alunos ocorrem, sendo elas esperadas pelo professor ou não. Pois, somente dois professores alegaram planejar um diálogo sobre algum item que compõe a inteligência emocional, o restante declarou que ocorre de forma não planejada.

A Professora 7 explica: “Planejar uma aula para desenvolver isso [inteligência emocional], como único objetivo, nunca fiz. É algo que acontece de forma indireta”, pois suas aulas fazem “com que o aluno tenha ápices de felicidade, de alegria, cansaço, fadiga que geram emoções do ganhar e do perder e então ela tem essa potencialidade. É preciso aproveitar esses momentos pra desenvolver”. Dessa forma, a professora apesar de não ter inserido em seu planejamento a possibilidade

desse diálogo, ela o faz em sua prática, aproveitando oportunidades não provocadas propositalmente para trabalhar a inteligência emocional.

Já o Professor 3 espera esses conflitos em seu planejamento para dialogar com os alunos: “Mas quando dou uma competição, por exemplo, tenho noção de que pode acontecer de algum aluno não entender perder, mas aí é uma oportunidade”.

Alguns professores, preocupados com o desenvolvimento das atitudes dos seus alunos, planejam aulas que possam possibilitar que o aluno vivencie diferentes emoções, para independentemente das reações, dialogar com alunos a fim de fazê-los reconhecer e controlar suas emoções. “No planejamento das aulas eu procuro de alguma forma trabalhar os conteúdos, não só os conteúdos e os conceitos, mas também a parte atitudinal” (Professora 9), “Acredito que a gente pode colaborar, dentro do planejamento, principalmente nas questões atitudinais” (Professor 3).

Enquanto outros, como vimos, esperam que através dos conteúdos não-atitudinais, ocorram situações espontâneas para recorrer ao diálogo reflexivo.

O problema identificado nessa segunda proposta é que por não ser planejado, a inteligência emocional e suas subdivisões são desenvolvidas apenas quando os alunos demonstram algum problema de comportamento, e é preciso interromper a dinâmica planejada para a aula. Cabe refletir se o professor que não souber trabalhar de forma estruturada, com continuidade e estratégias efetivas, poderá intervir sem o conhecimento adequado, ocasionando broncas cansativas e sem eficácia, descartando uma das possibilidades de tornar os alunos mais socialmente inteligentes.

Consequências essas caminham no sentido contrário de uma concepção de Educação Física que se fundamenta na Cultura Corporal de Movimento, assim como em relação à LDB, que visa a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores (BRASIL, 1996). Como demonstra a fala da Professora 9: “Acontecem muitas situações dos quais nós professores muitas vezes não lidamos justamente por conta da gente não ter uma formação específica para trabalhar esse conhecimento com as crianças”.

Os professores percebem que ocorrem diversas situações, devido ao conteúdo da disciplina, que proporcionam momentos para se desenvolver a inteligência emocional. Como nos momentos de conflitos, competições, exacerbação

de emoção expressa de forma negativa ou emoções positivas que são ressaltadas, como exemplos, liderança positiva, agressividade e frustração. Como explica a Professora 6: “Tem muito a ver com a Educação Física porque os ânimos ficam muito aflorados e a gente sempre tenta contornar e invocar o pensamento deles pro desenvolvimento dessas habilidades”. Ainda, “Acho que as aulas de educação física são muito propícias para se trabalhar a inteligência emocional, porque todos os conflitos aparecem sempre nela” (Professora 5).

De acordo com Betti e Zuliani (2002), a Educação Física Escolar tem a possibilidade de oferecer ao aluno a oportunidade de desenvolver sua personalidade, de cativar um ser crítico e conhecedor das mais diversas formas de comunicação. Segundo Goleman e Senge (2016) um indivíduo que consegue se comunicar com eficiência, tem a perspicácia de analisar o sentimento do outro a ponto de conseguir aconselhá-lo, tem característica de liderança. Duas professoras relataram nas aulas de Educação Física que essas características ficam em evidência, pois quando os alunos interagem em grupo, naturalmente expõem as condições de apoio e aconselhamento para aquele que tem maior dificuldade. Assim exemplifica a Professora 7 em sua fala “tem aqueles que entendem e colocam aquilo [dificuldades] de uma forma positiva” ou ainda a Professora 1 que explica “identifico quem tem um lado positivo que ajuda o outro. Assim, um auxilia o outro”, como uma espécie de auxílio emocional que faz com que os próprios alunos se ajudem sem a intervenção direta do professor durante a aula.

Além do benéfico diálogo aluno-aluno, todos os professores que afirmaram estimular a inteligência emocional em suas aulas, notaram que é via o diálogo aluno-professor que mais ocorre essa interação.

Os momentos especificados foram, primeiramente, pela interação entre pares: “Então acredito que aqui pelos alunos estarem próximo, sem cadeira e mesa, sem ser um ambiente fechado, podem se abraçar, pode haver um estímulo maior”. (Professor 3). E é a partir desse contato e da situação de jogo que faz com que as oportunidades apareçam, como a seguinte fala exemplifica:

Um exemplo seria o campeonato da copa do mundo que eu estou desenvolvendo com eles: alguns alunos não souberam lidar com essa frustração de perder, eu tive que conversar, tive que motivar eles a continuar para que entendam que faz parte perder. (Professora 7)

Ou ainda, na situação relatada pelo Professor 2, ao explicar que por mais que alguns alunos chorem quando se sentem frustrados, ele não evita jogos que causem essa sensação, pois é a partir delas que ele dialoga com os alunos sobre situações diárias, nas quais é preciso ter persistência para conquistar os objetivos que estão dentro e fora da escola, “porque ele tem que aprender que vai perder na vida e ele precisa aprender com isso e superar”. O professor ainda confirma que os alunos melhoram com a insistência dele em pedir que continuem tentando e percebem sozinhos que são capazes.

Outra situação de estímulo nas aulas de Educação Física foi relatada pela Professora 4:

A criança que, por exemplo, tem uma menina no segundo ano que entrou nesse semestre que não sabe lidar com a frustração dela, na semana passada fizemos a Corrida Pô e ela acabou perdendo várias vezes e aí ela batia o pé, fechava a cara e até chorava. E aí, o que interfere no estímulo da inteligência emocional é a conversa que tenho com eles. Minha intervenção faz com que eles parem pra refletir nessas ações. (Professora 4)

São nessas ocasiões que o professor pode identificar as dificuldades sociais e emocionais, coletivas ou individuais, e a partir delas planejar as estratégias para melhorar a inteligência emocional e a harmonia da própria turma. O Professor 3, afirma que a partir desse reconhecimento pode-se trabalhar “alguns outros valores como respeito, cooperação, colaboração, no sentido de trabalhar no coletivo”. Assim como o Professor 2, que aproveita das falhas emocionais, como a trapaça, para dialogar com os alunos:

E eu não deixo passar, porque na vida adulta quando ele crescer e for um contador, ele não vai poder alterar os números da empresa só pra ficar bonito. E aonde ele exercitou essa questão da honestidade? Aqui na escola, inclusive na aula de Educação Física. (Professora 2)

Mesmo aqueles que afirmaram inserir a inteligência emocional como conteúdo no planejamento, não citaram jogos ou atividades com o intuito que tivesse fim na própria inteligência emocional.

Quando questionados se a Educação Física seria a única disciplina capaz de desenvolver a inteligência emocional, os professores foram unânimes em dizer que sua aula é um dos momentos que mais oportunizam esse desenvolvimento: “Um acesso de sentir o que é um jogo, uma competição, o que é ganhar e perder. E talvez na sala de aula não ocorra com tanta frequência” (Professor 3).

Mas também concordaram que é possível que seja estimulada em outros momentos na vida escolar: “A Educação Física é um dos componentes curriculares que mais trabalham as emoções. São diversas situações que acontecem que a gente consegue propagar também pras outras aulas” (Professora 9). Ainda, “Em qualquer momento da nossa vida podem ocorrer situações que nos fazem parar e refletir sobre as coisas que estamos sentindo e trabalhar com a inteligência emocional. Mas na Educação Física também” (Professora 4).

Goleman (1995) afirma que a inteligência emocional está ligada aos nossos próprios sentimentos e os sentimentos das pessoas ao nosso redor, que podem ser relacionados com os diversos sentimentos que os alunos experimentam durante as aulas de Educação Física. Albrecht (2006) explica que quando aplicamos nossa inteligência emocional em nosso meio social, como os alunos aplicam em situações de jogo, é a inteligência social se lapidando. Em outras disciplinas, da forma como é relatado pelos entrevistados, em um ensino que pouco permite a interação aluno-aluno durante as atividades em sala, a possibilidade de desenvolverem sua inteligência emocional é muito pequena, visto que a interação é primordial para o desenvolvimento.

“Aqui em quadra eles estão sendo testados o tempo, de maneira imperceptível para eles, a inteligência emocional é muito mais trabalhada”, destacou um dos entrevistados (Professor 2). Por fim, por mais que a inteligência emocional possa ser trabalhada, algumas vezes, de forma imperceptível aos alunos é preciso que seja de forma consciente para o professor.

Através da prática, eles puderam relatar diversos momentos em que estimularam a inteligência emocional, mas em sua maior parte, não era esse o objetivo principal do professor.

Portanto, tendo como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, que se preocupe em ensinar a fazer, mas também sobre esse fazer, espera-se uma prática pedagógica que reflita os sentimentos trazidos pelas manifestações corporais ou as manifestações corporais que trazem sentimento. Mas, para isso, é preciso que o orientador da prática entenda a teoria, a forma como a mesma tange a área da Educação Física, seus benefícios e as estratégias para intervir de forma a beneficiar o aluno propiciando o desenvolvimento da inteligência emocional.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o conhecimento sobre o conceito de inteligência emocional e as potencialidades de inclusão do tema nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental (anos iniciais), na perspectiva de professores de escolas públicas, municipais e privadas de Bauru-SP.

As informações obtidas nas entrevistas discutidas à luz dos estudos da literatura permitiram identificar e refletir sobre a relação existente entre a Educação Física escolar e a inteligência emocional, buscando compreender e identificar quais pontos os professores relacionam entre essas duas temáticas.

Apesar de ser um tema pouco discutido na literatura, foi possível encontrar resultados de estudos que abordam as questões socioemocionais, que estão igualmente presentes na teoria da inteligência emocional.

Por meio das entrevistas foi possível analisar se os docentes que conheciam o conceito de inteligência emocional fazem uso dos pontos relacionados com a Educação Física escolar para construção do planejamento e quais impactos acreditam que possa ocorrer para o futuro do aluno.

Foi possível verificar que oito dos nove professores entrevistados não se sentiam à vontade para explanar sobre o tema abordado por esse trabalho, apresentando em suas falas um certo desconforto e afirmações de não terem conhecimento suficiente. Eles deixam esse registro, por conta da inteligência emocional ser um tema com estudos recentes e pouco difundido nas escolas, em suas formações ou, ainda, em sua vida profissional, seja nos momentos de HTPC/ATPC para os professores ou ainda em forma de conteúdo para os alunos.

Porém, os professores, após terem em mãos um resumo sobre o tema, conseguiram fazer diversas relações entre a inteligência emocional e a Educação Física escolar, sendo que os ramos do autoconhecimento, empatia, liderança, atitudes positivas, frustração e motivação foram os mais citados. Isso se deve por conta da relação entre pares propiciada nas aulas, e também pelo fato de que é necessário para os professores manterem uma relação harmoniosa e respeitosa entre os integrantes da sala para que possam prosseguir com seus conteúdos, por meio de reflexões e diálogos sobre alguns dos subtemas da inteligência emocional.

Entretanto, essa estratégia dos professores não é feita para estimular a inteligência emocional, como um fim em si mesma. Esse intuito é secundário, quando não é feito de forma despercebida e não planejada, como relatam sete professores.

Por intermédio do questionamento feito para os professores, mesmo aqueles que nunca ouviram o termo anteriormente, puderam refletir sobre a ação pedagógica adequada e foram unânimes em reconhecer que precisam de uma formação que aborde a inteligência emocional, pois relataram os diversos benefícios que esse conhecimento pode oferecer tanto para os professores, que lidam diariamente com as emoções e atitudes dos alunos, quanto aos próprios alunos, individual e coletivamente.

Com as diferentes situações relatadas pelos professores, é possível notar que o professor de Educação Física tem, por conta da especificidade da área, uma facilidade em estimular a inteligência emocional, por meio dos acontecimentos que acontecem durante a aula como resultado da interação social.

Infelizmente, não houve um caso em que o professor incluísse a inteligência emocional como parte de seu planejamento, que nos permitisse visualizar uma prática que inclui a inteligência emocional, sendo esta uma limitação da pesquisa. Assim, para aprofundar esse estudo, seria pertinente um estudo de campo de um professor (ou professores) que apresente práticas pedagógicas nas quais inclui em seu planejamento a inteligência emocional.

Entretanto, o caminho observado para o ensino da inteligência emocional é o contrário do que se espera: o professor que precisa de uma sala comportada, dialoga com os alunos somente quando essa expectativa de comportamento não é atingida. Quando o caminho deve ser inverso, criando situações de aprendizagens facilmente obtidas pelas interações em aula para desenvolver a inteligência emocional.

A boa relação que o ser humano tem com seus sentimentos e emoções mostra-se à luz da literatura fundamental para o desenvolvimento e a evolução de um indivíduo, contribuindo diretamente para a construção de uma sociedade formada por pessoas mais empáticas, pró-ativas, motivadas, menos ansiosas, com uma autoimagem positiva, com uma melhor relação consigo e com os outros. Todos esses itens são oportunos para a formação de um cidadão que a educação de qualidade conjectura.

## REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Karl. **Inteligência Social: a nova ciência do sucesso**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006.

ANTUNES, Celso. **Teoria das Inteligências Libertadoras**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. V.I, n.1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: 2017

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. (Ensino de 1ª a 4ª série) - Brasília: MEC/SEB, 1997.

BUZAN, Tony. **O poder da inteligência social: 10 maneiras de ativar o seu gênio social**. São Paulo: Cultrix. 2005.

CANDIDO, Antonio et al. **Direitos humanos e Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHAPMAN, Carolyn. **If the shoe fits... How to develop multiple intelligences in the classroom**. Illinois: IRI/Skylight: Inc., 1993.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues et al. Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004.

COLL, César.; POZO, Juan Ignacio.; SARABIA, Bernabé. **As Atitudes: Conceituação e sua Inclusão nos Novos Currículos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CHAVES, Adriana Josefa Ferreira. **Bases Teóricas da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2008.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. **A qualidade da educação: perspectivas e desafios**. Campinas: CEDES, v. 29, n. 78, p. 201-215, 2009.

FLEURY, Maria Tereza Leme; MATTOS, Maria Isabel Leme de. **Sistemas educacionais comparados**. São Paulo: Atlas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GARDNER, Howard. **Frames of mind**. New York: Basic Books Inc., 1985.

GOLEMAN, Daniel; **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Social**: o poder das relações humanas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GOLEMAN, Daniel; SENGE, Peter. **O foco triplo**: Uma nova abordagem para a educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

MACHADO, Nilson José. **Educação**: competência e qualidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

MAYER, John. D.; DIPAOLO, Maria. T.; SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: a component emotional intelligence. **Journal of Personality Assessment**, n. 54, p. 772-781, 1990.

SALEVOY, Peter.; SLUYTER, David. **Emotional development and emotional intelligence**. New York: BasicBooks, 1997.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Educação Física. São Paulo: SEE, 2008.

SILVA, Ludimila Oliveira. BULLYING NAS ESCOLAS. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, 2018.

SOUZA, Gabriela Reginato de. **Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs): espaços de formação contínua e de produção de saberes docentes?**. 2013. 411 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013.

STEINER, João. Conhecimento: gargalos para um Brasil no futuro. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 75-90, 2006.

SUSAN NOLEN-HOEKSEMA et al, **Predictors and Consequences of Childhood Depressive Symptoms: A Five- Year Longitudinal Study**, Journal of Abnormal Psychology, 1992.

TUDGE, Jonathan. Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal e a colaboração entre pares: implicações para a prática em sala de aula. **MOLL, LC Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 151-168, 1996.

WEDDERHOFF, Elísio. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?**. Revista Linhas, v. 2, n. 1, 2007.

ZENHAS, Armanda., SILVA, Carla., JANUÁRIO, Carlos., MALAFAYA, Cláudia., PORTUGAL, I. **Ensinar a estudar - Aprender a estudar** (4.<sup>a</sup> ed.). Porto: Porto Editora, 2002.

**APÊNDICE A - Termo de assentimento livre e esclarecido e termo de consentimento livre e esclarecido**

**Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Faculdade de Ciências – Campus de Bauru**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)  
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

Prezado(a) Senhor(a),

Convidamos o(a) senhor(a) a participar da pesquisa que tem como título: **“A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES”** da pesquisadora **Thaynara Mattiazzo Simonetti**, portador do RG 41767824-1 e CPF nº 440.514.328-58, orientada pela Profa. Dra. Fernanda Rossi no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica, trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa tem como objetivo analisar o conhecimento e desenvolvimento da Inteligência Emocional nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I das escolas públicas de Bauru.

A metodologia da pesquisa é fundamentada nos parâmetros da pesquisa qualitativa e terá como participantes professores (as) de Educação Física no Ensino Fundamental I. A coleta dos dados será por intermédio de entrevistas semiestruturadas com registro em áudio. O registro em áudio será realizado apenas para transcrição das respostas. Não haverá divulgação dos áudios nem da identificação do (a) senhor (a).

Os resultados da pesquisa serão publicados e/ou apresentados com fins científicos (dissertação, tese, livros, artigos, reuniões científicas e afins) sem divulgação de nomes. Os riscos decorrentes da participação nesta pesquisa são mínimos, tais como o desconforto em abordar algum tema ou responder a alguma questão. Entretanto, caso esse ou algum outro incômodo ocorra o senhor (a) poderá comunicar à pesquisadora responsável para a adequação da entrevista.

Quaisquer esclarecimentos poderão ser solicitados no decorrer da pesquisa. Cabe lembrar-lhe, ainda, que o (a) senhor (a) poderá recusar ou retirar seu **consentimento livre e esclarecido** em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Dadas as características desta investigação, o (a) senhor (a) não terá nenhuma despesa, uma vez que o pesquisador se deslocará até o seu local de trabalho para a realização da entrevista, bem como, não haverá remuneração para participar da mesma.

Se o (a) senhor (a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) Sr (a) e outra com a pesquisadora. Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Em caso de dúvidas éticas você poderá entrar em contato com o CEP da Faculdade de Ciências de Bauru-UNESP, através do número (14) 3103-6087 endereçado na Av Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01.

Local: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

**Dados sobre a Pesquisa:**

Título do Projeto: **A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES**

Pesquisador Responsável: **Thaynara Mattiazzo Simonetti.**

Cargo/função: Pesquisador responsável – discente de graduação.

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01- Bairro: Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP

Dados para Contato: fone (14) 99639-9997 e-mail: thaysimonetti@gmail.com

Orientador(a): **Fernanda Rossi**

Cargo/função: Orientadora – Profa. Dra. do Departamento de Educação/FC

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01- Bairro: Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP

Dados para Contato: fone (14) 3103-6081 e-mail: fernandarossi@fc.unesp.br

**Dados sobre o participante da Pesquisa:**

Nome: \_\_\_\_\_

Documento Identidade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Data Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B - Transcrição das entrevistas**

### **PROFESSORES ESCOLA MUNICIPAL**

#### **ENTREVISTA 1**

##### **Idade?**

55 anos.

##### **Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Sou formada pela Faculdade Federal de São Carlos em Educação Física licenciatura plena em 1992.

##### **Tempo de experiência?**

Desde 1992.

##### **E você só trabalhou nessa escola municipal?**

Fui professora estado, na FEBEM, trabalhei em áreas acadêmicas, em academias, clube Alvorada.

##### **Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

Sim. Esse termo é mais na parte de observação, de coordenação, integrando com a psicomotora e o professor precisa estar sempre atento a isso. Eu quando observo algum aluno com um comportamento diferente, geralmente corresponde ao comportamento da sala. Então facilmente é possível observar essa parte.

##### **E esse conhecimento você ouviu falar aonde?**

Eu tenho uma pós-graduação em DV (visual), DA (auditiva), DM (mental), DF (física) e a parte de psicologia também tenho outra especialização de psicopedagoga porque terminei Pedagogia ano passado e também por cursos fora porque a prefeitura libera vários cursos para nós da Educação Física. Então acabamos criando uma certa experiência.

##### **A escola já trabalhou isso com vocês?**

Sim, todas as terças feiras temos a ATP por duas horas e todos nós nos reunimos com a coordenação e direção e discutimos os casos dos alunos. E ficamos a par aquelas crianças que precisam de um certo apoio, às vezes por conta de deficiência.

##### **Mas especificamente o termo “inteligência emocional” nunca foi citado, né?**

Ainda não. Só em cursos que ouvimos falar.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Acredito que vá ajudar bastante, porque toda aprendizagem acrescenta. Tem professor que já deve saber e outros que não e é importante que saibam.

**No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos ou atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?**

Às vezes quando a gente trabalha em grupo ou até em dupla, nós identificamos quem tem mais dificuldade na questão emocional. E aí também identifico quem tem um lado positivo que ajuda o outro. Assim, um auxilia o outro. Me preocupo muito com isso.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Além do trabalho em grupo, às vezes quando preciso de uma certa liderança positiva, procuro crianças que tenham isso e coloco ela em evidência, sem que as outras percebam que ela está comandando a atividade. Claro que eu estou por trás disso, mas está estimulando as outras crianças.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

Sim, bastante, porque a partir do momento que a criança se sente estimulada na aula de Educação Física, ela chega na sala de aula de outra forma, bem e mais feliz. Por ter tido prazer e isso corresponde na sala de aula.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Sim, bastante, eu acho. O conhecimento emocional na sala de aula é igual na quadra. A professora de sala usa essa criança como se fosse uma muleta pra outra. Ajudando ela, auxiliando, estimulando. Porque as vezes a criança vem desestimulada de casa e essa outra ajuda.

**Então você acredita que uma criança com a inteligência emocional mais desenvolvida consegue auxiliar os outros alunos na sala?**

Sim.

## **ENTREVISTA 2**

**Idade?** 51 Anos

**Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Foi a primeira turma, em 1986. Licenciatura plena em três anos.

**Tempo de experiência?**

28 anos.

**Você atua somente na municipal? E em quais níveis de ensino?**

Não, atuo também em uma escola particular. Fundamental I na prefeitura e Fundamental II e Ensino Médio na particular.

**Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

É o que eu mais uso. O meu quadro de humor agora é uma questão de Inteligência Emocional, você já deve ter percebido [risos]. E isso me faz ter que prestar atenção para não descontar nos alunos.

**Então você relaciona a inteligência emocional com o estado do humor?**

Não, foi uma forma metafórica. Mas eu entendo que o que eu tô fazendo exatamente nesse momento, como foi o caso desse aluno que eu acabei de chamar atenção, eu tô trabalhando justamente a inteligência emocional. Ele tem que saber que tem que fazer as coisas bem feita, se esforçar pra fazer o seu melhor e que ele é capaz de vencer suas dificuldades. Afinal, quando ele estiver em um momento do cotidiano da vida dele e sofrer as pressões que ele sofre hoje, ele vai saber que é capaz de vencer, como fez hoje.

Como aquele aluno ali, ele tem síndrome de pânico e até vomitava. E hoje ele faz as coisas e eu precisei trabalhar isso nele.

**E esse conhecimento você ouviu falar aonde?**

Da vida, meu bem. Já li também, um livro que falava sobre inteligência emocional e usei pra dar prova em uma outra escola da prefeitura. Eu usei um livro que falava sobre inteligência emocional, que dizia que os alunos deviam andar pela escola e não correr, que deviam deixar o banheiro limpo, que tem que tratar bem as pessoas de apoio. Mas isso daí eu acho que eu o que mais vale é a experiência de vida, porque pra mim, sendo bem honesto, eu sempre tive em mente isso. Eu era técnico e o que eu mais falava pros meus jogadores é “meu, não dá pra ter um jogador burro, de raciocínio burro, que você tem que falar e não entende, que você explica a jogada mas depois não consegue executar porque não entendeu o conceito

daquilo”. Porque só fazer por fazer, ele faz. Ele faz o condicionamento físico, a parte motora, mas se não tiver a mente nisso, ele não faz direito.

Então, eu sempre trabalhei com isso, sempre. E na época eu nem usava esse termo de inteligência emocional.

**Mas sempre trabalhou mesmo sem saber do conceito?**

Sim, sempre acreditei nisso. Não dá, quando eu falo que eu tô meio emburrado, mas eu sou brincalhão. Quando eu digo “jogador burro”, eu não falo isso pra ele, mas é pra você entender o sentido da frase, eu falo diferente com eles. Mas é duro quando o jogador não usa a parte cognitiva. O cara não entende e não vê o que eu vejo.

**A escola já trabalhou isso com vocês?**

Nada. Nem no ATPC.

A gente até trabalha, eu já falei sobre isso na escola com meus colegas. Na orientação pedagógica, com a minha coordenadora, eu já falei sobre assunto com ela. Aí a gente discute sobre, mas nada formal.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Quando eu dou uma atividade, às vezes tem aluno que não gosta muito, mas eu que desenvolvo o trabalho, eu digo que a mente dele tá sendo exercitada, porque a vida vai por situações que eu não quero fazer e você vai ter fazer.

Eu explico pra eles. Nessa turma mesmo, eu conversei com eles em uma situação que eles não entendiam pra quê fazer tais atividades, e eu expliquei o ganha quando faz algo bem feito. Então é de forma direta e indiretamente.

Já teve situação que eu sentei e conversei sobre os ganhos de realizar as atividades. Não são ganhos materiais. Eu peguei um troféu e disse ‘isso é material e eu não posso dar pra cada um de vocês quando fazem algo bem feito, mas ganhar elogio, consideração, respeito, experiência de vida, autoconfiança, aprender que você é capaz de realizar algo, vocês ganham’. Que são benefícios emocionais, que eles não percebem.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Não vou puxar sardinha pro meu lado. Mas a sala de aula é algo mais concreto, você estuda e os desafios são diferentes. Aqui em quadra eles estão sendo testados o tempo, de maneira imperceptível para eles, a inteligência emocional é muito mais trabalhada. O relacionamento humano, o não gostar de alguém no meu time e tenho

que respeitar as pessoas, não posso jogar a bola na cara dele. E trabalha muito, os alunos que tem desenvoltura pra passar por isso e encarar esses desafios, vai ter muitas facilidades na vida adulta do que aqueles que não tentam. Tem aluno que perde e chora, esses eu coloco no time e espero perder só pra conversar, porque ele tem que aprender que vai perder na vida e ele precisa aprender com isso e superar.

Acredito que 30% é minha parte de forma direta que ensino a inteligência emocional e o restante é a atividade.

Eu converso com alunos trapaceiros, falo sobre desrespeito, sobre burlar, sobre o respeito comigo e com ele mesmo. Que é preciso que ele se conheça, assim como eu já o conheço. Porque eu conheço meus alunos, eu sei quando estão tentando enganar. E eu não deixo passar, porque na vida adulta quando ele crescer e for um contador, ele não vai poder alterar os números da empresa só pra ficar bonito. E aonde ele exercitou essa questão da honestidade? Aqui na escola, inclusive na aula de Educação Física.

### **ENTREVISTA 3**

#### **Idade?**

53 anos.

#### **Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Licenciatura em Educação Física, ano de formação em 1988. Chamava Escola Superior de Educação Física de São Caetano do Sul.

#### **Tempo de experiência?**

20 anos.

#### **Atuação foi somente em escola pública? E quais níveis?**

Escola pública, particular, para deficientes e ensino superior.

#### **Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

Já li uma vez na internet alguma coisa, mas nada aprofundado. Além disso, fiz psicoterapia, aonde tive que trabalhar algumas questões relacionadas a inteligência emocional, como por exemplo o autocontrole.

Eu tenho um Kindow e nele eu baixei o livro do Daniel Goleman, lembro de algo através dele e em outros livros que tive que ler por conta da psicoterapia.

**A escola já trabalhou isso com vocês?**

Não, nunca.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Terá impacto sim, pois aqui nas aulas tem muitos conflitos. E eu peço pra que eles tenham respeito comigo, assim como eu tenho com eles e o respeito entre eles. Eu como professor, sou o mediador e quando percebo que quando há uma exarcebação de emoções e frustrações, coisas que são muito pessoais entre os alunos, e podem explodir aqui. Então, nessa questão de atitudes e valores é trabalhado e colocado dentro do planejamento, porque não tem como escapar.

**Isso que eu ia questionar, no planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos ou atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?**

Dentro do planejamento, por exemplo, a automotivação, essa questão de fazer com que eles fiquem motivados: “vamos lá! Vamos fazer, você consegue!”. É uma das questões que acontecem e podem ser trabalhados. Além disso, trabalho alguns outros valores como respeito, cooperação, colaboração, no sentido de trabalhar no coletivo.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Se eu observo que tem algum aluno com um comportamento muito diferente, seja ele agressivo, desmotivado ou passivo, eu procuro observar e eu converso. Eu tento ver se está doente ou machucado.... Já chegaram alunos que chegaram e falaram que não estavam bem fisicamente ou estavam tristes ou dormiram mal. Então acredito que é uma sensibilidade que eu procuro colocar em prática pra que os alunos estejam inteiros aqui. A maioria vem bastante motivados, gostam. Mas às vezes, alguns vem aqui e não estão bem, vem assim de casa e acaba descontando no colega, o que não é tão difícil. Mas assim, agressividade, um grande descontrole, por conta de algo que aconteceu em sala ou em casa, eu levo e costumo mediar com a gestão na escola. Porque há alunos com constante problema de disciplina, aí nós conversamos com os pais. A maioria, não tenho como mensurar, mas a maioria dos alunos que tem uma questão emocional (negativa), que eu acabo conversando e dialogando, percebo que são problemas trazidos de casa.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

Acredito que a gente pode colaborar, dentro do planejamento, principalmente nas questões atitudinais. Trabalhar atitudes, valores, o respeito com si mesmo, com o outro, com o professor enquanto mediador, até como autoridade, mas autoridade que media e ajuda. No entanto, eu vejo que para fazer a intervenção emocional é preciso ter um conhecimento específico, por exemplo do Goleman. Ler um pouco, fazer algumas comparações primeiro consigo mesmo. Por isso falei da psicoterapia, já tive questões em outras escolas de descontar em alunos e tive que resolver essas questões que eram minhas e o que é meu não é do outro, né? Então o professor precisa trabalhar isso para ter essa sensibilidade de trabalhar com os alunos.

Então primeiro colocar no planejamento, depois pesquisar a fundo essas questões, para depois até colocar como avaliação. Por exemplo, tal aluno não consegue lidar com frustração, com a derrota com vitória e tal.... Aí converso que é só um jogo, uma atividade. Já tive problemas com isso aqui. Se eu sou uma pessoa muito competitiva ou eu não tenho habilidade para lidar com isso, porque a competição não é algo ruim para mim, é até saudável, mas depende de quem media. E quem media, quem tá ali a frente, que somos nós não ter esse controle próprio... Apesar de emoção não ter um controle, existe uma forma de agir de forma inteligente de entender o porquê você está irritado ou desanimado ou estressado. Por causa da escola? Dos alunos? De algum aluno específico? Porque as vezes alguns alunos tiram a gente do eixo. E aí haja inteligência para você conversar muito e não levar para outras pessoas. Eu acabo levando quando é algo muito grave levo para direção. Quando é comigo, vou contornando, eu peço para conversar. Cada professor deveria passar por uma psicoterapia, principalmente a gente que lida com pessoas, para que a gente consiga pensar nisso no dia a dia no trabalho e como lidar com isso.

**Diante disso que o senhor falou, você acha que a Educação Física propicie mais momentos para trabalhar a inteligência emocional do que as outras disciplinas?**

Eu não consigo te falar dentro da sala de aula, porque não é meu contexto. Mas quando dou uma competição, por exemplo, tenho noção de que pode acontecer de algum aluno não entender perder, mas aí é uma oportunidade. Porque às vezes eu trabalho cooperação, colaboração que acabam virando uma competição e quando

isso exacerba eu paro, converso para acalmar eles. Então acredito que aqui pelos alunos estarem próximo, sem cadeira e mesa, sem ser um ambiente fechado, podem se abraçar, pode haver um estímulo maior.

Se houver na sala algum trabalho com jogos, pode acontecer a mesma coisa. Mas acredito que na minha opinião, eles tenham poucas atividades, jogos que trabalhem o conteúdo que aprendem em sala, de matemática por exemplo. Aqui gira muito em torno dos jogos, principalmente na idade deles, que pedem muitos jogos. Então acredito que aqui tem uma facilidade, um acesso de sentir o que é um jogo, uma competição, o que é ganhar e perder. E talvez na sala de aula não ocorra com tanta frequência.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Sim, porque enquanto professor, tendo esse conhecimento, pode trazer benefícios. Embora eu não seja psicológico, mas faça um papel parecido. Mas por não ser um profissional da área, não trabalho isso de uma forma psicológica, mas posso trabalhar isso de forma pedagógica. Acho interessante que façamos isso. Mas sem noção básica ou orientação... Nós já fazemos, mas sem conhecimento, algo tácito, dialogando, acabamos estimulando. Temos alguns limites e é importante trabalhar.

## **PROFESSORES ESCOLA PRIVADA**

### **ENTREVISTA 4**

**Idade?**

Eu tenho 29 anos.

**Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Fiz Licenciatura em Educação Física na Unesp Bauru em 2011.

**Tempo de experiência?**

Sete anos.

**E você só trabalhou nessa?**

Somente escola particular. Tive experiência no estágio com escola pública, mas trabalhei somente no particular.

**Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

Não. Já ouvi falar, mas não conheço o conceito especificamente.

Aqui na escola eles trabalham a inteligência emocional através da Escola da Inteligência do Augusto Cury, conhece? É uma disciplina com apostila e tudo mais.

**A escola já trabalhou isso com vocês?**

Essa Escola da Inteligência oferece palestras sobre isso para a comunidade. Podem vir nós professores, pais e alunos. Não é algo formal e nem somos obrigados a vir.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Acredito e tenho certeza, ainda mais hoje em dia. Por conta da enorme quantidade de pessoas que hoje sofrem com ansiedade, depressão e diversos males causados pela psique, pelo pensamento. E ensinando a criança a lidar com isso desde o começo, desde pequeno tem um impacto positivo nessas questões.

**No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos ou atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?**

No planejamento das nossas aulas, não. Mas isso acaba acontecendo durante as aulas, principalmente com os menores, quando são pequenininhos, nos primeiros anos. Tem algumas crianças que não conseguem lidar com a derrota. Não só de um jogo competitivo, mas também pela frustração de não conseguir realizar alguma tarefa como ele esperava. Porque são menores e ainda tem algumas dificuldades das habilidades motoras, de coordenação e é normal não conseguir realizar algumas atividades.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

As atividades em si, eu não sei não. Acho que não. Mas o que ajuda é a conversa que eu tenho com eles depois. A criança que, por exemplo, tem uma menina no segundo ano que entrou nesse semestre que não sabe lidar com a frustração dela, na semana passada fizemos a Corrida Pô e ela acabou perdendo várias vezes e aí ela batia o pé, fechava a cara e até chorava. E aí, o que interfere no estímulo da inteligência emocional é a conversa que tenho com eles. Minha intervenção faz com que eles parem pra refletir nessas ações.

Ontem passei uma atividade pra eles e uma criança que entrou ainda não conhecia e não conseguiu realizar de primeira e se desesperou. Aí conversei e disse “calma, você acabou de aprender, é preciso algum tempo e você vai conseguir”. E isso acontece mais com os menores, primeiro e segundo ano.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

Em qualquer disciplina é possível. Em qualquer momento da nossa vida podem ocorrer situações que nos fazem parar e refletir sobre as coisas que estamos sentindo e trabalhar com a inteligência emocional. Mas na Educação Física também.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

De forma estruturada, sistematizada, não. Mas sabendo o que é a inteligência emocional, eu posso imaginar o que pode ter de benefício. Mas estruturada, não.

## **ENTREVISTA 5**

**Idade?** 35 anos.

**Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Formada em 2007 na FAEFI (Faculdade De Educação Física De Barra Bonita) em licenciatura plena.

**Tempo de experiência:**

Desde 2013.

**Atuação? (escola pública e/ou privada) e níveis de ensino durante a vida profissional.**

Leciono na rede pública e privada. Na pública no fundamental 1, na privada fundamental 1, 2 e ensino médio.

**Você conhece o conceito de Inteligência Emocional? Quais pontos você associa com a ideia de Inteligência Emocional? Se sim, como se apropriou desse conhecimento? Fez algum curso, palestra, leitura de livros ou canais da internet...**

Já ouvi falar de inteligência emocional, mas nunca me aprofundei no assunto.

**A escola (direção/coordenação) já abordou esta temática de alguma forma com os professores (em atividades de formação docente, HTPC (ATPC), reuniões)?**

**Ou ela é trabalhada em alguma disciplina?**

A escola pública nunca abordou esse assunto a privada só comentou bem por cima e não foi trabalhada em nenhuma disciplina.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Lendo o texto que você me mostrou, consigo ter uma ideia melhor... E acredito que muito impacto porque muitos estão feridos emocionalmente e não conseguem lidar com as frustrações da vida o que acaba acarretando em "problemas" nas aulas.

**No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos/atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional? Se sim, de que forma? Se não, pensa na possibilidade de incluir? Como acha que isto poderia ser feito?**

Nos planejamentos nunca coloquei, mas seria interessante sim trabalhar isso, mas preciso estudar o assunto para depois ver como vou colocar nas aulas.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Existem vários momentos, quando ganha ou perde o jogo, quando passa por algum constrangimento.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

Acho que as aulas de educação física são muito propícias para se trabalhar a inteligência emocional, porque todos os conflitos aparecem sempre nela

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Imagino que pode trazer muitos benefícios, mas como disse antes preciso estudar melhor o assunto.

## **ENTREVISTA 6**

**Idade?**

27 anos.

**Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Eu me formei na UNESP, campus de Bauru, em 2012.

**Tempo de experiência?**

Esse é meu sexto ano na escola.

**E você só trabalhou nessa?**

Sim.

**Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

Sim. É a habilidade de qualquer indivíduo de se auto conhecer em relação as emoções e sentimentos e maneira que ele lida com eles. Não sei detalhadamente. Não sei se tá certo.

**E esse conhecimento você ouviu falar aonde?**

Eu já cheguei a ler um livro da Daniel Goleman, não lembro se era especificamente sobre inteligência emocional, mas abordava um pouco. E aqui na escola, de certa forma, a gente trabalha de certa forma as habilidades socioemocionais e tentamos inserir na prática das atividades.

**A escola já trabalhou isso com vocês?**

Já houve durante reuniões para desenvolvimento profissional que abordavam.

**Tem alguma disciplina na escola que trabalhe isso com os alunos?**

Pros maiores, não sei qual idade ao certo, mas tem uma matéria que tratam das habilidades socioemocionais e da Inteligência Emocional.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Impacto positivo, como falamos em nossas aulas, temos que saber lidar com nossas emoções porque altos e baixos acontecem na nossa vida em qualquer momento e vai de nós erguer a cabeça e continuar ou cair no primeiro tropeço.

**Então é um impacto que eles levarão pra vida?**

Sim, é uma habilidade que vão adquirir aqui, mas que vai ser útil pra qualquer situação da vida deles.

**No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos ou atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?**

Sim, nós incluímos e conversamos bastante com eles a respeito disso. Tem muito a ver com a Educação Física porque os ânimos ficam muito aflorados e a gente sempre tenta contornar e invocar o pensamento deles pro desenvolvimento dessas habilidades.

**A forma como você inclui é nos conteúdos, nas conversas, em alguma intervenção ou já prepara alguma atividade que vá estimular essa inteligência?**

Olha, a gente não chega a preparar uma aula pra aquilo. Porque as intervenções acontecem com frequência. Então quando acontece a gente para e conversa sobre isso.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Durante as intervenções. É uma disciplina que eles gostam muito e ficam ansiosos. E essa ansiedade em participar de uma atividade que é sempre em grupo, em competição, principalmente, fica muito aflorado. Então nosso papel é ir orientando, fazer eles pararem pra pensar no que estão sentindo e a forma como vão agir.

**Mas especificamente, vocês já abordaram?**

Não, nunca.

**E nem relacionado, a parte socioemocional que você citou?**

Não. Direto não. Mas a gente sempre pega um gancho na aula pra falar sobre isso.

**Você acredita, que por conta dessa interação que você comentou de estar sempre em contato com outras pessoas, propicia mais momentos para trabalhar a inteligência emocional?**

Eu acredito que na faixa etária deles, em qualquer momento pode ser trabalhado.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Tem benefícios. Na questão de se autoconhecer, de criar habilidades de persistência, de se colocar no lugar do outro, de começar do zero.

## **PROFESSORES ESCOLA PÚBLICA**

### **ENTREVISTA 7**

**Idade?**

30 anos.

**Formação acadêmica? Ano de formação e instituição.**

Licenciatura em Educação Física, no ano de 2010 na UNESP em Prudente.

**Tempo de experiência?**

Na escola (que ela está agora que é estadual) esse é meu sexto ano. Trabalhei em outras escolas em anos finais, sexto e sétimo ano, mas a maioria das minhas aulas foram nos anos iniciais. Porque minha sede é aqui. Quando não tinha todas as aulas aqui, eu tinha que pegar em outras escolas.

**Você conhece o conceito de inteligência emocional? Quais aspectos você relaciona?**

Eu ouvi já esse termo. Talvez como socioemocional...

**Existem os dois termos.**

E eles falam da mesma coisa?

**Sim, estão relacionados.**

Eu imagino que o termo emocional tá ligado as questões emocionais e afetivas. Acho que desenvolver e trabalhar o seu emocional. Eu sei muito pouco e sei que tem pouquíssimos estudos relacionados a isso. E tenho uma colega que vai desenvolver esse tema na pós e eu acho bem interessante. Mas ela não nos explicou muito bem o que é.

**E esse conhecimento você ouviu falar aonde?**

Foi somente da pessoa que vai desenvolver esse tema, na pós-graduação, não tinha ouvido falar em outro lugar.

Eu me sinto bastante emocionalmente confusa, porque eu sou muito emotiva e a gente tem que entender as pessoas e se entender e isso é tão importante pra gente trabalhar com eles e pra nós. E nós fazemos isso o tempo todo indiretamente.

**A escola já abordou esse assunto com os professores?**

Não. Diretamente não. Pode até falar de algo relacionado, mas não esse termo específico.

**Qual impacto você acredita que possa ter formação dos alunos?**

Falando na minha área, nós trabalhamos o indivíduo como um todo, de forma integral. A gente trabalha as relações afetivas, as questões de valores, o desenvolvimento motor, o desenvolvimento cognitivo. Então nós entendendo o aluno como um todo, o emocional faz parte desse desenvolvimento integral. Então, tem que levar em conta como ele se relaciona, como ele comporta, então tá interligado a formação integral da criança.

**No planejamento das suas aulas, você inclui conhecimentos ou atividades para estimular o desenvolvimento da inteligência emocional?**

A aula de Educação Física como um todo ela desenvolve a inteligência emocional, porque o aluno tem que lidar com a frustração, com o ganhar e o perder em uma competição. Um exemplo seria o campeonato da copa do mundo que eu estou desenvolvendo com eles: alguns alunos não souberam lidar com essa frustração de perder, eu tive que conversar, tive que motivar eles a continuar para que entendam que faz parte perder. Também tive alguns alunos que se posicionaram de forma positiva com esses colegas que tiveram essa dificuldade de entender. Então, ao mesmo tempo que tem esses que tem uma maior dificuldade de entender, que se

frustram muito fácil, tem aqueles que entendem e colocam aquilo de uma forma positiva. Então durante as aulas a gente acaba desenvolvendo e percebendo isso. Fazendo aulas no geral que estimulem a inteligência emocional. Mas planejar uma aula para desenvolver isso (inteligência emocional), como único objetivo, nunca fiz. É algo que acontece de forma indireta.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Nas intervenções, nas rodas de conversa após as atividades ou até mesmo durante quando ocorre alguma coisa e você não pode deixar para depois. E valorizar a opinião deles "ah você acha que isso foi adequada? O que acha dessa atitude? Poderia ser melhor?".

**E dá pra abranger a turma toda, né?**

Sim e quando acontece algo mais sério, sempre procuro conversar separado com aquela criança.

**Porque a gente percebe as emoções deles, né?**

Sim, demais. Quando a gente conhece aquele aluno, a gente sabe quando ele tá triste, quando ele tá feliz, quando ele está motivado. Então isso é bom da construção e da continuidade das aulas com uma mesma turma.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

Ah eu acho que a Educação Física tem um potencial muito grande. Que faça com que o aluno tenha ápices de felicidade, de alegria, cansaço, fadiga que geram emoções do ganhar e do perder e então ela tem essa potencialidade. É preciso aproveitar esses momentos pra desenvolver.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Eu acredito que os benefícios seja colaborar que o professor e o aluno consigam entender seu emocional.

## **ENTREVISTA 8**

**Idade?** 35 anos

**Formação acadêmica (ano de formação e instituição):** 2011 UNESP Presidente Prudente

**Tempo de experiência:** 2 anos

**Atuação (escola pública e/ou privada) e níveis de ensino durante a vida profissional:**

Escola Pública, no Ensino Fundamental I.

**Você conhece o conceito de Inteligência Emocional? Quais pontos você associa com a ideia de Inteligência Emocional? Se sim, como se apropriou desse conhecimento? Fez algum curso, palestra, leitura de livros ou canais da internet...**

Não conheço o conceito, mas já ouvi fazer bem por cima pela internet.

**A escola (direção/coordenação) já abordou esta temática de alguma forma com os professores (em atividades de formação docente, HTPC (ATPC), reuniões)? Ou ela é trabalhada em alguma disciplina?**

No ATPC a coordenadora já citou sobre, mas sem profundidade.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

Acredito que durante a realização das atividades proposta e ao final da aula.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Pode ser que sim, mas para isso é preciso ter o conhecimento apropriado do professor.

## **ENTREVISTA 9**

**Idade?** 35 anos

**Formação acadêmica (ano de formação e instituição):** Eu me formei a princípio na FIB, Faculdades Integradas de Bauru, em 2007 eu fiz bacharel em educação física em 2008 eu iniciei o curso de licenciatura em educação física nas Faculdades Anhanguera aqui de Bauru em 2010. Concluí minha especialização em Ética, Valores e Cidadania Na Escola pela USP depois da minha formação inicial. Fiz o mestrado profissional em docência para Educação Básica e defendi agora em fevereiro.

**Tempo de experiência:** 11 anos.

Eu comecei a trabalhar já na faculdade, já trabalhava na academia em torno de 4 ou 5 anos foi quando eu ingressei na educação estadual como professora efetiva e

estou indo para o meu sexto ano experiência escola pública com professora de educação física escolar

**Atuação (escola pública e/ou privada) e níveis de ensino durante a vida profissional:**

Eu trabalho com anos iniciais do primeiro ano o quinto ano. Já trabalhei também com adolescentes em projetos que eu trabalhei em um projeto na Prefeitura Municipal de Bauru. E também na academia tinha bastante contato com além das crianças, com adolescentes.

**Você conhece o conceito de Inteligência Emocional? Quais pontos você associa com a ideia de Inteligência Emocional? Se sim, como se apropriou desse conhecimento? Fez algum curso, palestra, leitura de livros ou canais da internet...**

Em relação ao conceito de Inteligência Emocional, eu já ouvi falar, já li algumas coisas, não muito. Inclusive este mês eu participei de uma de uma palestra que falava sobre inteligência emocional. Nessa palestra, eu vi que o ser humano age e ele tem crenças, né? E essas crenças ao longo da vida vai juntando e influenciam no comportamento da pessoa diante de certas situações.

Normalmente as crenças, elas são derivadas de alguma coisa que aconteceu na vida da pessoa, na infância e às vezes inconscientemente e também conscientemente. Vou dar um exemplo: um pai de uma criança não deixou ela brincar na rua, por exemplo. Então, essa criança tirou essa crença e toda vez que alguma pessoa faz alguma coisa parecida que faz lembrar daquela situação que ela vivenciou com pai dela lá atrás, ocupam um certo bloqueio e através da Inteligência Emocional e ela consegue superar essas crenças.

É algo muito novo. Eu ainda acredito que é um tema que ainda precisa ser muito estudado né? Inclusive formações para os professores porque a gente vê muitas formações de coaching, formações fora da escola né? Envolvendo até mesmo um benefício de um ambiente trabalho e situações próprias emocionais. Mas para aplicação na escola e eu ainda desconheço alguma coisa e eu acredito que tipo tenha uma certa relevância, sim.

As crianças estão chegando, eles vem carregados bastante. A gente percebe que o emocional das crianças atualmente é muito difícil, né? Para se trabalhar dessa forma, pois trazem uma história de vida muito complicado. Inúmeras ocorrências,

muitas vezes pai e mãe drogado ou desempregados, a família desestruturada e tudo isso faz o aluno venha para escola com muito problema emocional. E é na escolas que essas emoções são colocadas para fora, o contato com eles e com outras pessoas. Acontecem muitas situações dos quais nós professores muitas vezes não lidamos justamente por conta da gente não ter uma formação específica para trabalhar esse conhecimento com as crianças.

**A escola (direção/coordenação) já abordou esta temática de alguma forma com os professores (em atividades de formação docente, HTPC (ATPC), reuniões)? Ou ela é trabalhada em alguma disciplina?**

Na escola eu nunca vi ninguém trazer essa temática, em nenhum momento que eu me lembre.

**Identifica algum momento em sua aula que poderia ser estimulada a inteligência emocional? De que forma?**

No planejamento das aulas eu procuro de alguma forma trabalhar os conteúdos, não só os conteúdos e os conceitos, mas também a parte atitudinal, que é um pouco parte desse desenvolvimento. Mas nada planejado para trabalhar a inteligência emocional. Como eu disse a gente não tem esse conhecimento, né? Sobre o que é, como trabalhar, né? Com a inteligência emocional do aluno, a gente procura a incluir nas rodas de conversas situações que ocorrem durante a aula.

A gente tenta trazer reflexões ao grupo, questionar o que está trazendo algum problema ou alguma situação que está atrapalhando o andamento das aulas.

**Como você identifica a potencialidade ou não da Educação Física em propiciar ações que estimulem a inteligência emocional?**

No convívio social gerado pela Educação Física, a gente trabalha a motivação do aluno, pois tem muitos alunos que vem para escola que não tem uma maior motivação. Ele acha que ele não consegue realizar a atividade, acha que ele é incapaz, isso dá para se trabalhar na educação física, a gente também pode trabalhar o respeito com relação ao outro, pois a gente precisa muitas vezes aceitar o outro para viver melhor em grupo.

A Educação Física na escola é um dos componentes curriculares que mais trabalham as emoções. São diversas situações que acontece na Educação Física escolar que a gente consegue propagar também pras outras aulas.

**Tem conhecimento se o desenvolvimento da inteligência emocional pode trazer benefícios para os alunos?**

Conhecimento específico com notícias artigos sobre o trabalho da Inteligência Emocional na no ambiente escolar educação física eu não tenho conhecimento, não. Eu acredito que possa, sim, ter muito resultado para escola, na Educação Física de uma maneira geral no ambiente escolar, mas nunca li nada a respeito especificamente do ambiente escolar.